

Processo nº 2035, Apelação 724, Ano 1964 – Tribunal da Justiça Militar/ MG

VOLUME 1

- Réus: (todos PMs) Tenente Jurandir Gomes de Carvalho, Cabo José Maria Francisco, soldados José Felix Gaspar, Argentino Teodoro Tavares, Francisco Torres Dutra, Floricio Fornaciari, Milton Souto da Silva, Cândido dos Santos(rasurado), Sebastião Campelo de Oliveira, José Gomes Vidal, José Rodrigues, João Clementino Silva, João Medeiros, Moacir Gomes de Almeida, Odeíno Gomes, Élson Valeriano, Joaquim Félix de Carvalho, Osvaldo Ferrarez de Castro e José Cirilo Borges, conforme Pg. 3, Vol.1, parte 1;
- Relator: Juiz Cel. PM Manuel de Araújo Porto
- 1º Revisor: Juiz Cel PM Afonso Barsante dos Santos
- 2º Revisor: Juiz Cel. PM Eurico Paschoal
- Tipificação: crimes do art. 181, §2º, VI (Homicídio cometido prevalecendo-se de situação de serviço); 182, §1º, I e II (Lesão corporal resultando em incapacidade para ocupações habituais por mais de 30 dias e perigo de vida) c/c 33, §2º (Quando o crime é cometido por inferiores e um ou mais oficiais, são estes considerados cabeças, assim como os inferiores que exercem função de oficial.) e art. 141, CPM (insubordinação). Aditamento: adiciona art 322, CPB (Violência arbitrária) ;
- **1 - VOLUME 1, PARTES 1 E 2:**

PARTE 1

- **1.1 - Pg. 3 (conforme numeração do documento em PDF): DENÚNCIA.**
 - Segundo a narrativa, ocorreram oito mortes e numerosos feridos.
 - Afirma que houve arbitrariedades policiais, mas atribui a animosidade à manipulação provocada por comunistas. Afirma que as barricadas formadas nos alojamentos tinham técnicas revolucionárias. Sublinhado: Ameaças grevistas;
 - Diante da aglomeração na “barreira 57” (hoje uma das entradas principais da Usiminas), a guarnição comandada pelo Tem. Jurandir chegou e prostrou-se em fila, em frente aos operários. Apenas um PM teria ficado em cima do carro, onde estava a metralhadora.
 - Alvinho Augusto de Moraes e o Padre Avelino Marques (testemunhas) ponderaram que seria melhor se a PM se afastasse, à que o Tenente respondeu “estar cumprindo ordens”.
 - Obs: a requisição da polícia foi feita pela diretoria da Usiminas;
 - Participantes da negociação pelo fim do movimento: Diretores da Usiminas, Capitão Robson e o Padre;
 - **(pg. 4)**O tenente Jurandir teria, sem maiores explicações, disparado primeiro, secundado pelos demais PM’s, como uma “senha”,
 - Os militares continuaram atirando, enquanto batiam em retirada, desrespeitando, inclusive, ordens do Capitão Robson, que ordenava cessar-fogo. Aborda a morte de Eliana, bebê morta no colo da mãe.
 - “Três dezenas de feridos”

- **Rol de testemunhas: Alvinho Augusto de Moraes, Jair da Costa Abelha, Padre Avelino Marques, Antônio Carlos de Oliveira, Gil Guatimosin Jr., João Cláudio Teixeira de Sales.**
- **1.2 - Pg. 5, Vol.1, parte 1: INQUÉRITO POLICIAL MILITAR**
 - Encarregado: Major Sílvio de Souza.
- **1.2.1 - PG.6: Portaria nº 33 de instauração** do IPM sobre os fatos ocorridos em 7/10/63 em Ipatinga.
 - **Pg. 9:** Indiciados: capitão Robson, Tenente Jurandir e demais praças da 5ª Companhia do 6º BI de Ipatinga.
- **1.2.2- Pg. 12: Termo de Declarações do Indiciado Tenente Jurandir.** Lotado no Regimento de Cavalaria de Minas, foi nomeado Delegado Auxiliar em Ipatinga. Afirma que a PM só atua no interior da Usina quando especificamente solicitado, como no dia em questão, devido aos tumultos do dia anterior. Vigilantes da Usina teriam sido espancados por operários e afirma haver inquéritos para investigar isso. Afirma que na noite do dia 06/08/63, diante de novos atritos, uma dupla de Cavalaria (Orçalino Duarte Milton Souto da Silva) e uma guarnição composta por Cb. Aristides Josefino da Silva e Sd. Adão Nunes Vieira.
 - **Pg.13:** relata os distúrbios ocorridos na noite do dia 6/10/63, na qual cerca de 300 operários foram presos. As negociações só ocorreram com ajuda do padre. No dia seguinte, ele foi, às 6h, designado para a porta da Usina, onde estava com mais 10 homens e seguindo o conselho de manter distância da multidão, organizou a tropa em linha. Depois, recebeu um reforço de mais cinco anos. Por volta das nove da manhã, em tese, as forças foram atacadas pela multidão, que portaria “armas de fogo, pedras, porretes, ponta-pés...”.
 - **Pg. 14:** após baterem em retirada, afirma o declarante que continuaram a ser perseguidos pela multidão, sendo que continuaram atirando enquanto fugiam. Afirma que não deu ordem em nenhum momento para atirar, sendo que os policiais agiram por conta própria, diante da situação caótica. Ele recebeu um bilhete do capitão Robson (trazido pelo cabo Teodoro) ordenando que fosse mantida a ordem, pois estava em conversa conciliatória com os revoltosos.
- **1.2.3 - Pg.19: Termo de declarações de Moacir Pereira Dantas:** Ferreiro, residente em Ipatinga – MG. No dia 7, chegou ao trabalho, na Forjaria, onde notou que não havia seguranças no local, o que não era comum. Conversando com os colegas, teve notícias do ocorrido na noite anterior, nos alojamentos, sendo que diante da resistência dos trabalhadores em permitir a entrada dos PM's, eles começaram a atirar contra os alojamentos, sendo que alguns deles teriam se ferido por “coice” das armas. Um sargento teria levado um tiro dos civis ao tentar entrar no alojamento, mas por estar escuro, não se sabia quem teria disparado. (**conferir pág.19 nas cópias.**) Que foi orientado a se afastar do seu lugar de trabalho e dirigiu-se ao almoxarifado, onde encontrou um grupo de 8 a 10 policiais em cima de um caminhão, disparando contra uma multidão entre 800 a 1000 pessoas, que corriam. Relata ter conhecimento de alguns casos de violência policial. Atribui responsabilidade pelos fatos à Vigilância da Usiminas, que faz exigências absurdas e usa do poder policial para completar tarefas. Afirma que a Diretoria da Usiminas é responsável por tudo de errado que tem acontecido em Ipatinga.

- **1.2.4 - Pg.21: Termo de declarações de Erci Calvi:** Operário, residente no alojamento em Santa Mônica. Na noite do dia 6, por volta de meia noite, os policiais invadiram o alojamento Chicago Bridge, ordenando, sob mira de arma, que todos se levantassem, caso contrário, seriam mortos. O depoente saiu correndo do alojamento e recebeu ordem de por as mãos na cabeça e deitar no chão, assim como dezenas de colegas. Foram revistados e levados para o quartel, onde ficaram presos até a chegada do Capitão Robson e Dr. Gil Guatimosin, diretor da Usiminas, quando foram soltos. Nos outro dia, ficou na entrada do almoxarifado até começarem os tiros. Diz haver 6 PMs e cerca de mil operários.
- **1.2.5 – Pg.23: Termo de Declarações de Odir Rodrigues:** Laminador, residente no Bairro Santa Mônica. Relata que no dia 6, teve um desentendimento com a vigilância da Usiminas, tendo sido espancado por PMs, apenas por ter exigido sua identificação de volta (cabo Aristides). Que de madrugada, foi preso no alojamento, juntos com os outros operários, tendo sido transferido para a cadeia pública de Ipatinga, onde ficou até as 17h, razão pela qual não presenciou os fatos na porta do almoxarifado.
- **1.2.6 – Pg.25: Termo de Declarações de Antônio Cavalcanti de Souza:** Relata que o conflito ocorrido no dia 6, à noite, nos alojamentos, precipitava-se desde a hora da saída dos operários da usina, quando a PM já havia agredido alguns operários, o que se repetiu em maior escala nos alojamentos mais tarde. Que os soldados não entraram no seu alojamento, já que os operários fizeram uma barricada. Que os PMs entraram apenas no Chicago Bridge, onde detiveram todos os operários, tendo ameaçado-os e agredido-os.
 - **Pg. 26:** relata que no dia 7, de manhã, o tem. Jurandir estava com os PMs na porta do almoxarifado. Que ele recebeu um bilhete do cb. Teodoro e cerca de 10 min depois os PMs começaram a atirar contra a população. Que faziam mira para matar. Que não ouviu ordem para começar nem para parar de atirar. Que presenciou a morte de um jovem, ao seu lado. Teve conhecimento de oito mortes e mais de 10 feridos. Ajudou a transportar seis corpos. Credita culpa à usina e à PM.
- **1.2.7 – Pg. 28: Termo de Declarações de Manoel Rodrigues de Oliveira:** Pedreiro, residente no Chicago Bridge. Relata que estava dormindo no alojamento quando foi acordado pelo barulho dos PM, que mesmo não tendo problemas com a lei foi obrigado a sair do alojamento mediante várias agressões, inclusive uma coronhada que lhe cortou a testa. Que não presenciou os fatos na portaria da Usiminas, mas teve notícias de oito mortos.
- **1.2.8 – Pg. 30: Termo de Declarações de Jesus Bitencourt Fraga:** Operador, residente no Chicago. Confirma relatos da saída dos operários no domingo, (conforme Antônio). Relata ter ouvido que no alojamento do Sta. Mônica teria havido troca de tiros e que no Chicago, sofreu várias agressões por parte dos policiais, até a transferência, realizada em caminhões da usina para o Quartel. Com a chegada do superior (capitão Robson, segundo Manoel) chegar e mandar parar com as agressões.
 - **Pg. 31:** Não presenciou o início da confusão no dia 7, mas quando chegou, já com a troca de tiros, viu seis civis caírem mortos, sendo que apenas os PMs

disparavam. Chegou a seu conhecimento que sete pessoas teriam morrido e cerca de 30 se feriram.

- **1.2.9 - Pg. 34: Pedido de Prisão Temporária dos seguintes policiais:**
 - Cabo José Maria Francisco, do RCM;
 - Soldado Argentino Teodoro Tavares, 6º BI;
 - Soldado José Félix Gaspar, 6º BI;
 - Soldado Francisco Torres Dutra, RCM;
 - Soldado Florício Forcaciare, 6º BI;
 - Soldado Milton Souto da Silva, RCM;
 - Soldado Sebastião Cândido da Silva, RCM;
 - Soldado Sebastião Campelo de Oliveira, RCM;
 - Soldado José Gomes Vidal, RCM;
 - Soldado José Rodrigues, RCM;
 - Soldado João Clementino da Silva, 6ª BI;
 - Soldado João Medeiros, 6º BI;
 - Soldado Moacir Gomes da Almeida, 6º BI;
 - Soldado Odeino Gomes, 6º BI;
 - Soldado Élcio Valeriano, 6º BI;
 - Soldado Joaquim Félix de Carvalho, 6º BI;
 - Soldado Osvaldo Ferraz de Castro, 6º BI.
- **1.2.10 – Pg. 35: Pedido de Prisão Temporária do Capitão Robson Zambrogno (Zamprogn?).**
- **1.2.11 – Pg.36: Pedido de Prisão Temporária do Tenente Jurandir Gomes de Carvalho.**
- **1.2.12 – Pg. 39: Juntada do mandado de prisão de todos.**
- **1.2.13 – Pg. 41: Termo de Perguntas ao Indiciado: Cabo Nestor Pereira dos Santos (9/10/63):** Relata ter havido troca de tiros nos alojamentos e que os operários jogavam pedras contra a polícia. “Sgt. Carlos” teria sido ferido. Afirma que a polícia local não teria prendido ninguém. Que cerca de 8h30min, dirigiu-se em companhia do cb. Teodoro e com o Capitão Robson ao escritório da Usiminas. Afirma que o grupo de soldados sob o comando do Tem. Jurandir teria saído do quartel no mesmo instante. Que aproximadamente meia hora depois de chegarem ao Escritório Central da Usiminas, o Cp. Robson entregou ao Cb. Teodoro um bilhete, endereçado ao Tenente Jurandir. Que não conhece o teor do bilhete. Que foi ao encontro do Tenente, junto com Teodoro, e logo quando o Capitão Robson saía do Escritório começaram os tiros. Que foram de Jeep ao encontro da tropa que estava com o Tenente Jurandir e os encontraram na rodovia, que eles vinham disparando de cima do caminhão. Que só com a interferência do Capitão Robson eles pararam de atirar. Que não se lembra de ter visto mortos ou feridos na beira da rodovia.
- **1.2.14 - Pg. 43: Termo de Perguntas ao Indiciado: Soldado João Lopes dos Santos (9/10/63):** Deslocou-se para atender a ocorrência nos alojamentos no Santa Mônica mas já não havia nada acontecendo quando chegou. No dia 7, não foi designado para a portaria da Usiminas, tendo ficado na guarda do quartel.
- **1.2.15 - Pg. 45: Termo de inquirição de testemunha: Alvinho Augusto de Moraes, auxiliar de escritório (9/10/63):** Relata que trabalhava, na realidade, como investigador do departamento de vigilância da Usiminas, cujo chefe era Omar

Rodrigues Vieira. Que no dia 6, houve apenas discussão, não agressão, entre os operários, na saída do turno, e os vigilantes, sendo que os PM's foram chamados para reforço e empregaram violência contra os trabalhadores. Que apenas sabe "de ouvir dizer" do confronto nos alojamentos. Que no dia 7, pela manhã, os funcionários protestavam contra a truculência da PM, por isso, com a chegada da tropa comandada pelo Tenente Jurandir, alertou-o sobre as graves consequências de um possível choque entre os grupos e pediu que ele afastasse-se, o que lhe foi negado. Que de repente, ouviu rajadas de tiros, disparados pelos PMs no caminhão, que antes não tinha ouvido nenhum tiro nem pedradas. Que os soldados continuaram a disparar enquanto batiam em retirada no caminhão, tendo atingido pessoas na lateral da rodovia, como um indivíduo de nome "Sebastião" e uma criancinha e sua mãe. Que acredita que as mortes poderiam ter sido evitadas se houvesse mais prudência pela PM. Afirmar também que o serviço de vigilância da usina estava exigindo absurdos dos trabalhadores.

- **1.2.16 - Pg. 48: Termo de inquirição de testemunha: João de Deus da Silva, motorista (9/10/63):** Relata que dirigiu o jeep que levou o Capitão Robson, Cabo Teodoro, Sargento José Francisco e outro cabo até o escritório central, antes do tiroteio. Que o sgt. José Francisco entregou ao Cb. Teodoro uma mensagem a ser enviada ao tenente Jurandir. Que logo após o retorno do Cb. Teodoro, tiveram notícia do tiroteio, de forma que o saíram todos em direção à tropa do tenente, a qual encontraram vindo no caminhão em sentido contrário na rodovia. Que a tropa seguiu atirando. Afirma que viu pessoas morrerem na rodovia devido aos tiros disparados de cima do caminhão. Que o tenente Jurandir estava na boleia do caminhão. O depoente reconheceu o tenente Jurandir, o soldado José Clementino e o soldado de apelido "Recruta" no caminhão. Relata ter tomado conhecimento das desavenças nos alojamentos e que o sargento Carlos teria sido ferido. Que sabe de muitas queixas contra a vigilância da Usiminas, mas não da Polícia Militar.
- **1.2.17 - Pg. 49: Termo de inquirição de testemunha: Alfredo Nohme Filho, engenheiro (9/10/63):** Encontrava-se na reunião com o sindicato, no escritório geral, na qual se buscava contornar a situação da greve. Relata que foi alcançado um acordo que incluía a retirada da tropa da PM da frente da garagem da Usiminas. Que quase imediatamente após chegarem a um acordo, ouviu e viu o caminhão que transportava a tropa passar correndo, e que os soldados faziam uso de suas armas de fogo. Ouviu rajadas de metralhadora. Que imediatamente o Capitão Robson saiu atrás da tropa. Durante a reunião o Capitão Robson escreveu um bilhete, que ignora seu conteúdo. Que não sabe se a multidão atacou a tropa na garagem da Usiminas. Que três pessoas mortas foram retiradas da rodovia e trazidas ao escritório. Que soube das ocorrências na noite anterior na saída do turno na usina e nos alojamentos. Que não tem conhecimento de arbitrariedades cometidas pela polícia após a vinda do Capitão Robson, que no tempo do capitão Valfrido, o ambiente era diferente.
- **1.2.18 - Pg. 52: Termo de inquirição de testemunha: Jair da Costa Abelha, médico (9/10/63):** No dia 7, estava no ambulatório do Escritório Central quando ouviu rajadas de metralhadora, que várias pessoas tentaram invadir o local, afirmando que estavam correndo de tiros. Que foi à rodovia a fim de pegar feridos, tendo atendido cerca de 20 pessoas no ambulatório e seis mais no lado externo.

Afirma que viu um homem morto na rodovia. Que a maioria dos ferimentos eram por bala de fogo, sendo de grande calibre. Que aconselhou o capitão Robson a retirar o policiamento das ruas, para evitar conflitos iminentes. Teve notícia de que o Tenente Jurandir estava no comando da tropa. A tropa teria tentado entrar na usina, o que a massa de trabalhadores não permitiu. Afirma que no dia anterior, atendeu cerca de vinte civis feridos nos confrontos nos alojamentos. Afirma que pode ler o bilhete enviado pelo Capitão Robson ao Tenente Jurandir que dizia que ele estava em reunião com os representantes do sindicato e da Usiminas e que a tropa não deveria se utilizar de violência, aguardando novas ordens. Afirma que tinha conhecimento prévio de reclamações contra a vigilância da usina, mas não da Polícia Militar. Que teria ouvido dizer que os grevistas teriam tentado tomar a metralhadora da tropa, que o Tenente Jurandir teria confessado que ordenou que os soldados dessem uma rajada para cima. Que depois, o tenente teria ouvido tiros no meio dos grevistas, dando ordem para a tropa se retirar, autorizando que cada um se defendesse.

- **1.2.19 – Pg. 57, Comunicação por radiograma:** Do major Silvio de Souza, encarregado do IPM, para o Coronel José Guilherme Ferreira, responsável pela Casa do Militar. Informa que o IPM caminha rápido; crianças e senhoras, bem como a comunidade japonesa estavam preocupadas com a falta de policiamento; fez visitas tentando tranquilizar a sociedade e prometeu a volta do patrulhamento. Ipatinga reduto de desordeiros. A situação local ainda não permitiria medidas de repressão.
- **1.2.20 – Pg. 59-60, Termos de pergunta ao ofendido (10/10/63):** Ciro Alípio Siqueira, Operador, residente no Chicago Bridge. Afirma que no dia seis, foram espancados por PMs na saída da usina e que os mesmos PMs seguiram os operários até o alojamento do Santa Mônica, onde chegaram atirando. Depois, foram para o Chicago Bridge, onde arrombaram os quartos espancaram os operários. Que foram ordenados a sair do alojamento e para tal, passaram por um “corredor polonês”. Ao sair, tiveram que se deitar no chão, sendo pisoteados pelos policiais. Depois foram levados ao quartel em um caminhão e durante todo o trajeto e também no quartel foram espancados. Que apenas com a chegada do Capitão Robson cessaram as agressões. Com a chegada do Dr. Gil Guatimosin, diretor da usina, eles foram libertados. Que decidiram em conjunto com os operários do Santa Mônica fazer uma greve para a saída da Polícia. Fala de cerca de 5.000 pessoas na porta da Usiminas. Que contou 18 soldados na tropa. Que o tiroteio começou quando um senhor tirou uma foto e um soldado ameaçou atirar. Então o povo ficou exaltado e o tenente Jurandir teria dado um apito, sinal que iniciou o tiroteio. Que diante da situação, vários operários viraram-se de costas e se deitaram no chão, sendo que o o depoente viu três deles sendo baleados deitados. Que ele foi atingido mas conseguiu se esconder no almoxarifado, de onde pôde ver a tropa saindo em retirada e atirando a esmo na rodovia.
- **1.2.21 – pg. 61, Termos de Pergunta ao Ofendido (10/10/63):** Nildeson Miranda, Auxiliar de administração. No dia sete, pela manhã, chegou o portão da usina, onde foi impedido de entrar. Os operários, cerca de 2000, requisitavam a presença do Dr. Gil Guatimosin para negociar a retirada da polícia do local. Que sem essa medida não trabalhariam. Relata que os policiais da tropa faziam provocações à massa

grevista, apontado a armas em sua direção, aumentando a tensão. Que o soldado que estava na metralhadora começou a disparar, não tendo ele ouvido uma ordem de abrir fogo, mas que os demais policiais começaram a atirar junto. Que foi atingido no pescoço e atendido pela ambulância. Relata que a agitação no dia anterior teria ocorrido devido a um pedido de “Braga da Vigilância” para que a PM agisse contra os operários na saída do turno. Que soube que 9 a 10 pessoas teriam morrido e mais de 30, ficado feridas.

- **1.2.22 – pg. 63, Termo de Pergunta ao Ofendido (10/10/63):** Afonso Enes de Oliveira, enfermeiro. Que foi designado para trabalhar na portaria, onde se aglomeravam os operários. Que o presidente do Sindicato dos trabalhadores pediu que a tropa fosse embora, pois a situação era desfavorável, a que o tenente Jurandir se recusou. Relata que o cabo Teodoro entregou um bilhete ao tenente. Os ânimos escalaram e em dado momento, teriam perguntado ao tenente Jurandir quem seria responsável pelos feridos no Santa Mônica, na noite anterior, e que ele teria respondido: “É um problema. Vocês fecharam o círculo, agora não me responsabilizo mais!”. Que então houve uma rajada de tiros e o depoente se jogou em uma vala. Que o caminhão que transportava os policiais e no qual estava a metralhadora era um Opel.
- **1.2.23 – Pg. 65, Termo de Perguntas ao Ofendido (10/10/63):** Jurandir Gomes Macário, montador, morador do bairro Bom Jardim. Afirma que chegou ao trabalho, onde foi informado de que não haveria expediente. Retornando para casa, pela rodovia, foi atingido por tiros disparados pelos policiais no caminhão. Foi medicado no ambulatório da Usiminas. Que desconhece o motivo do desentendimento entre policiais e operários.
- **1.2.24 – Pg. 66, Termo de perguntas ao ofendido (10/10/63):** João Pereira da Silva, Mecânico. Relata que ao chegar a seu local de trabalho foi informado de que não haveria expediente. Que não sabia a razão da aglomeração de operários. No caminho de retorno a sua casa, foi atingido por um projétil na perna, não tendo visto de onde veio o tiro, nem o autor.
- **1.2.25 – Pg. 67-68, Termo de perguntas ao ofendido (10/10/63):** Walter Volpato, encarregado mecânico. Relata que na noite do dia seis, notou um movimento fora do comum na rua e soube que era a polícia, que já havia batido em operários na saída da usina, que chegava com o objetivo de agredir novamente os operários no alojamento Santa Mônica. Entretanto, os trabalhadores se organizaram e conseguiram expulsar a PM, que se dirigiu ao Chicago Bridge. Que diante da violência praticada no Chicago Bridge, os trabalhadores decidiram não trabalhar no dia seguinte, se reunindo na portaria da Usiminas. Que ouviu dizer que os populares jogaram pedras contra a tropa na porta da usina, razão que deu início ao tiroteio. Que houve uma primeira rajada de tiros que não o atingiu. Que todos os policiais começaram a usar suas armas. Houve então uma pausa e ele foi ajudar um colega, que já estava morto. Depois foi em direção contrária e foi ferido. Mesmo assim, foi a procura de seu irmão. Sem forças, deitou no chão e foi socorrido, acordando no hospital. Relata que contou 19 policiais, não ouviu ordem para atirar, nem de cessar fogo.
- **1.2.26 – Pg. 69, Termo de Perguntas ao Ofendido (10/10/63):** José Elias dos Santos, Servente de Montagem, residente no Bairro Bom Jardim. Relata que

participava da massa que se aglomerava na porta da Usiminas, no dia 07/10/63. Que devido ao atrito gerado pela Polícia na noite anterior, eles reivindicavam a retirada da PM do portão, para só então trabalhar. Que houve vaias e insultos dirigidos à polícia e o tiroteio teria começado depois de que pedras foram jogadas na tropa.

- **1.2.27 – Pg. 70, Termo de Perguntas ao Ofendido (10/10/63):** Waldir Rezende Xavier, mecânico. Relata que havia cerca de 5000 operários na portaria da Usiminas e cerca de 18 policiais. Que o tiroteio começou depois de uma pedra ter sido jogada contra os policiais. Que ao primeiro tiro seguiram-se vários. Que foi atingido pelas costas enquanto fugia dos tiros.
- **1.2.28 – Pg. 74 e 73, 72 (o pdf está fora de ordem), Termo de perguntas ao indiciado:** (conferir cópias) Rosalino Rodrigues de Souza, empregado da Cia. Cavalcanti, à disposição da Cavalaria. Relata ter feito amizade com os policiais e que saía sempre com eles e que se alguém os desrespeitasse, eles “batiam mesmo”. Que dirigia o caminhão que levou a tropa à portaria da Usiminas, onde haveriam cerca de 2500 pessoas. Que transportou: Tenente Jurandir, Cabo Aristides, Cabo José Maria, Soldado Anísio, Marçal da Cavalaria, Soldado Sebastião Cândido, Soldado João de Assis, Soldado Jeremias, Soldado Argentino, Soldado José Rodrigues, Soldado Jeremias, Soldado Sebastião, Soldado Fidelis, Soldado Guilherme, Soldado Onofre, Soldado Dutra... (PÁGINA CORTADA), sendo no total, dezessete praças mais o Tenente Jurandir. Afirma que foram levadas três metralhadoras pesadas no caminhão além de oito “de mão”. Nomeia quem estaria na posse de cada arma. Que a chegada do Cabo Teodoro aumentou a agitação e que por isso ele ficou pouco tempo, não tendo disparado contra a massa. Que teria havido um tiro de calibre 22, além de pedras, oriundas da massa e jogadas contra a PM. Que o primeiro tiro foi dado pelo Tenente Jurandir e que a tropa o seguiu. Que o declarante atirou duas vezes contra a massa. Que o Tenente Ordenou a retirada e todos entraram no caminhão. Que muitas pessoas caíram na portaria, tendo visto um suposto mendigo cair na rodovia e também um mulher. Que os PMS no caminhão fizeram uso de suas armas, tendo ouvido muitas rajadas de metralhadoras, que o declarante também disparou durante a retirada, bem como o Tenente Jurandir. Que o setor de vigilância da Usiminas tem rixa com a PM e por isso sempre cria confusões. Afirma que o soldado José Félix estava na portaria da Usiminas, mas não com a tropa do Tenente Jurandir. Que os cabo José Maria e o Soldado Sebastião Cândido disseram no quartel que tinham dado vários tiros.
- **1.2.29 – Pg. 75, 76, Termo de Perguntas ao Indiciado:** José Félix Gaspar, soldado. Relata ter sido destacado para atender a ocorrência no Santa Mônica e que ao chegar a situação já estava mais controlada, não tendo recebido pedradas ou tiros dos operários. Que o Capitão Robson levou um padre para tentar negociar com os operários. Que após a mediação, os soldados se recolheram ao quartel. Que o declarante saiu, juntamente com dois companheiros para juntar-se à várias tropa do Tenente Jurandir na portaria do almoxarifado da Usiminas. Que a multidão teria cerca de 2000 pessoas e que os civis jogaram pedras na tropa, tendo usado também de vários xingamentos. Que em dado momento surgiu um tiro, que após esse tiro, os soldados começaram a atirar. Que a multidão toda se abaixou. Que o tenente ordenou cessar fogo e que todos subissem no caminhão, que depois que ele

começou a se movimentar, ainda ouviu tiros. Que encontraram com o Jeep do Capitão Robson na rodovia, durante a retirada.

- **1.2.30 – Pg. 77, Termo de perguntas ao indiciado:** José Galdino Gomes, soldado. Que na noite do dia 6, a mando do Cabo Nestor, foi designado para atender uma ocorrência da Usiminas, em um local onde havia grande concentração de gente (possível uso de “Usiminas” para denominar a cidade de Ipatinga). Que viu quando o padre chegou ao local. Que ele não recebeu pedradas. Que logo após, retornaram par ao quartel, Pela manhã do dia 7, o Tenente Jurandir mandou que uma turma subisse no caminhão. Que os soldados José Cirilo Borges, José Félix Gaspar e João Medeiros subiram e foram transportados na primeira viagem do caminhão. Que os homens estavam armados de fuzis, revolveres e metralhadoras. Que o depoente ficou trabalhando atrás do quartel. Que os soldados supracitados afirmaram que houve muitos mortos e ferido na portaria.
- **1.2.31 – Pg. 79, 80, Termo de perguntas ao indiciado:** João Medeiros, soldado. Que sob o comando do Cabo Nestor, foi atender a ocorrência nos alojamentos. Que ao chegar o pior já havia passado e presenciou a chegada do padre, mas que teria ainda ouvido tiros. Que não foi na primeira leva da tropa que se colocou na portaria da Usiminas, tendo ido apenas quando um jeep foi ao quartel buscar reforços. Quem depois de uma troca de tiro o Tenente Jurandir mandou que subissem no caminhão. Que encontrou lá, já posicionados sds. José Cirilo Borges e José Félix Gaspar. Que houve muitos disparos. Que mesmo já no caminhão alguns PMs dispararam. Que o tenente ordenou que parassem de atirar.
- **1.2.32 – Pg. 81, Termo de perguntas ao indiciado:** José Cirilo Borges, soldado. Que sob o comando do Cabo Nestor, foi atender a ocorrência nos alojamentos. Que haveria cerca de três mil homens jogando pedras contra o policiamento. Que um padre foi levado ao alojamento para acalmar os ânimos. Que se juntou a tropa do Tenente Jurandir, no dia 7 pela manhã, na qualidade de reforço. Que a multidão ofendia a tropa e jogava pedras. Que o Tenente Jurandir teria levado uma pedrada. Que em dado momento surgiu um tiro, ao qual se seguiram vários outros. Que o declarante estava armado com um fuzil e que não atirou. Que subiu no caminhão, que inicialmente não pegou, tendo sido empurrado. Que no caminhão algumas pessoas continuaram atirando. Que avistou o jeep do Capitão Robson e que so pararam no quartel.
- **1.2.33 – Pg. 83, Termo de perguntas ao indiciado:** Romeu Último Teixeira, Soldado. Que sob o comando do Cabo Nestor, foi atender a ocorrência nos alojamentos. Que os homens jogavam pedras, mas não ouviu barulho de tiro. Que um padre foi levado para tentar acalmar os ânimos. Que no outro dia pela manhã, não foi com a tropa do Tenente Jurandir. Que ficou guardando o quartel junto com sds. João Lopes e Elir.
- **1.2.34 – Pg. 84, Termo de perguntas ao indiciado:** José Francisco de Oliveira, 1º sargento. Que soube de uma confusão ocorrida na saída da Usiminas no dia 6/10/63, entre um vigilante e um operado, e que uma dupla da Cavalaria que estava perto interveio. Que depois uma dupla da Cavalaria foi agredida no bairro Santa Mônica, e que um reforço policial foi mandado a esse bairro. Que não participou dessa ocorrência. Que o Sargento Carlos Alberto Xavier teria se ferido e não participou da ocorrência no dia seguinte. Que no dia seguinte viu a saída da tropa do Tenente

Jurandir , com o cabo José Maria, sd. Argentino Teodoro Tavares, sd. Clementino, sd. Osvaldo Ferraz, sd, Florício Fornaciari, e outros, no total, 17 soldados. Que o declarante acompanhou o capitão Robson até o Escritório Central da Usiminas. Que foi atrás do Padre para emprestar um amplificador de voz, para tentar serenar os ânimos na portaria. Que o padre estava em uma reunião a portas fechadas com o Capitão Robson e líderes sindicais. Que o Capitão Robson escreveu um bilhete dizendo “Tenente Jurandir, estou reunido com líderes sindicais e chefia da Usiminas, não atente nenhuma ação contra os grevistas até segunda ordem. Que esse bilhete foi entregue ao cabo Teodoro. Que minutos após o fim da reunião, na qual se havia atingido um acordo, foram ouvidos vários disparos de arma de fogo, indo o Tenente, o declarante e o cabo Teodoro , além do Cabo Nestor conferir o que estava acontecendo. Que encontraram o caminhão da tropa batendo em retirada e que apesar da ordem do Capitão Robson ele não parou, sendo que os soldados continuavam atirando. O declarante afirma ter visto muita gente cair na beira da rodovia, não sabendo se mortos ou feridos. Relata também que no dia 5, o sub-tenente Braga falando de um sério tumulto ocorrido entre vigilantes e operários sentia-se ameaçado, tendo solicitado reforço de soldados para os vigilantes. O declarante afirma ter aconselhado o Capitão Robson a não fazê-lo. Que no dia 6, quando a dupla da cavalaria atuou contra os operários, não havia mais soldados no local, pois estavam destacados para outros locais.

PARTE 2: continuação do IPM.

- **1.2.35 – Pgs. 1, 2, Termo de Perguntas ao indiciado:** Manoel Pinheiro Sobrinho, soldado. Relata que estava lotado em Coronel Fabriciano e foi para Ipatinga na madrugada do dia 7, juntamente com o Cabo Nestor, para atender a ocorrência nos alojamentos. Afirma que os operários teriam atirado contra a tropa, no alojamento. Na manhã do dia 7, ficou fazendo guarda do Quartel, não tendo ido para a portaria da Usiminas.
- **1.2.36 – Pg.4: Termo de Inquirição de testemunha:** Porfírio Chagas Filho, operador de ponte. Afirma que no dia 8, em Timóteo, um homem identificado apenas como Rosalino teria dito que ajudara a Polícia no dia anterior, no tiroteio contra os operários. Que Rosalino disse que disparou várias vezes e teria matado algumas pessoas. Que Rosalino bebia recorrentemente e se tornava violento.
- **1.2.37 – Pg. 7 – Pedido de prisão por 30 dias do Soldado José Cirilo Borges.**
- **1.2.38 – Pg.8 – Termo de Perguntas ao Ofendido:** José Izabel do Nascimento, mestre de montador. Relata que na segunda-feira, dia 7/10/63, dirigiu-se ao seu local de trabalho, e foi impedido de entrar na usina pela massa grevista, de cerca de 4000 pessoas. Que já havia policiais no local, cerca de 20. Que é fotógrafo amador e tirou várias fotos do local, inclusive do soldado que estava em cima do caminhão com a metralhadora e que teria sido o primeiro a disparar. Que depois do primeiro disparo seguiram-se vários. Que conhecia alguns dos policiais presentes e que os sds. José Cirilo Borges e João Medeiros não teriam disparado. Que foi atingido por um tiro que atravessou sua barriga. Que os operários ofenderam os policiais com palavras e gestos, jogaram pedras e um civil teria tentado tomar a arma de um policial. Que o seu rolo de filme foi cedido ao Correio de Minas.

- **1.2.39 – Pg. 10, Termo de declarações do ofendido:** Antonieta Francisca da Conceição Martins, doméstica. Que no dia sete, pela manhã, se dirigia ao ambulatório central, onde desejava obter uma consulta médica para sua filha, Ângela Eliana Martins, de cerca de 3 meses. Que ao descer do ônibus foi instruída a não seguir caminho, devido à aglomeração de operários na porta da Usiminas, mas que decidiu seguir, devido à necessidade de levar a filha. Que deu alguns passos e viu uma multidão se desfazendo em forma de “estouro”, e decidiu voltar. Assim, que virou as costas, recebeu um tiro, que atravessou seu corpo e atingiu sua filha, que veio a falecer. Que não viu de onde veio o tiro.
- **1.2.40 – Pg.11, Termo de inquirições de testemunha:** Padre Avelino Marques. Relata que foi chamado a comparecer no Bairro Santa Mônica, na madrugada do dia 7, com vistas a tentar resolver um atrito que ocorria entre operários e policiais militares. Que quando chegou, a situação era tensa, e operários e PM estavam “entrincheirados”, um contra o outro. Que enquanto subia em direção ao alojamento Chicago Bridge, juntamente com “Davi”, foram jogadas pedras contra ele, que cessaram quando o reconheceram. Ao chegar lá, disse aos operários que o Dr. Gil Guatimosin desejava que fosse formada uma comissão para conversar pessoalmente com ele, ideia que não agradou os operários, por acharem que era uma armadilha. Que o depoente então sugeriu que lançassem os nomes da comissão em um papel para participar de uma audiência com a Diretoria da Usiminas. Que o Dr. Gil foi ao encontro dos operários para ouvir suas reclamações, que a principal era a retirada da polícia do local, com a qual o Dr. Gil concordou. Que o depoente ficou com os operários até ser cumprido um acordo. Que com a retirada da PM adentrou no alojamento Chicago Bridge, onde viu completa desordem, vários objetos quebrados e marcas de tiros nas paredes. Que os operários relataram que foram feitas várias prisões, que os policiais bateram e empurraram os operários para fora do alojamento, onde foram obrigados a deitar no barro e seguiram as agressões. Que nesse momento, chegou um caminhão trazendo de volta os operários que haviam sido presos, que estavam muito feridos e que ao perceberem isso, os ânimos se exaltaram novamente, especialmente por que os alojados do Chicago Bridge não haviam se envolvido em conflito com a PM mais cedo. Que às seis horas da manhã, chegou à portaria do almoxarifado e ficou chocado com a presença da tropa da PM, pois os ânimos estavam ainda muito exaltados, tendo aconselhado o Tenente Jurandir a se retirar do local, o que lhe foi negado. Que o Tenente Jurandir tentou chegar perto do portão da Usiminas, que queria falar com o Sr. Omar, da vigilância, mas a massa popular barrou o veículo. Então, retornaram para perto da tropa, o Tenente tomou uma metralhadora, que nesse momento, a tropa estava muito nervosa. Que foi atrás do Dr. Gil, pois o tenente Jurandir disse que a ordem para a retirada da tropa deveria partir dele ou do Capitão Robson. Que chegou ao escritório central, onde se encontravam, juntamente com a comissão de trabalhadores, que conseguiram chegar a um acordo, de retirada do policiamento, além da realização de inquérito sobre os fatos ocorridos durante a madrugada. Que teve a oportunidade de ver várias rajadas de metralhadora e assistiu gente cair à beira da rodovia, que ajudou a apanhar mortos e feridos. Que os operários desejavam remodelar a vigilância também. Que ouviu dizer que o Ten. Jurandir teria dado o primeiro tiro. Que ele recebeu um bilhete e que o povo se aproximou dele para tentar ouvir o que estava escrito e que ele interpretou a aproximação como uma iminência de agressão, dando sinal para o

praça que estava em cima do caminhão, que deu uma rajada, e que logo todos subiram no caminhão, que se pôs em movimento, tendo os policiais continuado a atirar. Que ele encontrou três mortos e mais de vinte feridos. Que tinha ouvido falar mal dos homens da Cavalaria, por serem muito ásperos. Que ouviu falar de um sargento ferido nos alojamentos, mas não o conhece.

- **1.2.41 – Pg. 17, Termo de inquirição de testemunha:** Luiz Rodrigues Carvalho, comandante do destacamento de Coronel Fabriciano. Que na madrugada do dia 7, a pedido do Tenente Jurandir, enviou reforço composto pro cabo Nestor , soldados Elir Gomes, Manuel Sobrinho, João Medeiros, José Cirilo Borges, José Félix Gaspar, Romeu Último Teixeira e João Lopes dos Santos. Que foram armados de fuzis. Que o cabo Nestor levou 160 cartuchos e que foram todos devolvidos, não tendo sido utilizados no incidente da Usiminas.
- **1.2.42 – Pg.18, Termo de inquirição de testemunha:** Emílio Gomes Fernandes, médico. Que vinha do Horto quando teve o trânsito interrompido. Que ouviu vários disparos de armas de fogo. Que quando pode seguir, encontrou alguns mortos em frente à garagem da Usiminas, que um ferido lhe pediu ajuda, que o levou ao ambulatório da Usiminas. Que o ferido era o fotógrafo Nascimento. Que no ambulatório, foi chamado pelo Dr. Abelha, que o pediu para ir ao quartel e requisitar ao Capitão Robson que não permitisse que os soldados transitassem pela cidade. Que no quartel, encontraram com o Capitão muito abatido, sendo que ele já havia recolhido os soldados. Que pode ler o bilhete enviado pelo Capitão ao Tenente Jurandir. Que o depoente e o Dr. Abelha se dispuseram a realizar a comunicação entre o Capitão e a Diretoria da Usiminas, por não ser seguro que ele andasse pelas ruas, o que aceito. Que logo após, ambos os médicos se retiraram e foram para seus respectivos hospitais atender os feridos.
- **1.2.43 – Pg.20, Termo de inquirição de testemunha:** David Ferreira Júnior, industriário. Que na noite do dia 6, estava no Bairro Santa Mônica, na casa de um amigo, quando viu o jeep do Sr. Braga em direção aos alojamentos e logo atrás vieram dois cavalarianos. Que começou a ouvir barulho de algazarra e foi conferir o que ocorria. Que ao chegar, os operários já montavam barricadas, dizendo terem sido espancados, sendo que os cavalarianos tinham prometido retornar ao local com reforço. Que o depoente foi atrás do Dr. Gil Guatimosin para tentar resolver a situação. Que enquanto descia dos alojamentos, encontrou com oito policia à cavalo, tendo lhes pedido que não subissem. Encontrou então com o jeep que trazia o Capitão Robson e o pediu que não subisse com a polícia, o que não foi respeitado. Que após entrar em contato com o Dr. Guatimosin, retornou para os alojamentos, sendo que os policiais se encontravam agora no alojamento Chicago Bridge e os operários estavam presos e deitados no chão. Que encontrou com Gil na casa do Sr. Cláudio e que o Capitão Robson se juntou então a eles. Juntos, subiram em direção aos alojamentos, tendo o capitão solicitado a presença do padre Avelino. Que o padre e o depoente foram falar com os alojados, e depois subiu o Dr. Gil, que prometeu tomar as providências necessárias, inclusive a soltura dos presos. Que o Capitão Então deu ordem de retirada à polícia. Que o Dr. Gil providenciou a soltura e retorno dos presos, senado que a maioria apresentava graves ferimentos por espancamento.

- 1.2.44 – Pg.22, Termo de inquirição de testemunha:** Jorge Teixeira Lopes, mecânico. Relata que na manhã do dia 7, chegou à portaria da Usiminas e foi impedido de entrar para trabalhar. Que lhe informaram que os operários da usina não trabalhariam enquanto a polícia não se retirasse do portão. Que conseguiu entrar para bater seu ponto. Que ao retornar viu um grupo de rapazes que pintavam um cartaz em provocação à polícia, que depois foi mostrado aos soldados. Que viu algumas pessoas que reprovavam a atitude dos operários, vez que alguns jogavam pedras contra a PM. Que ao retornar para seu ponto, ouviu um disparo de arma de fogo, que partiu do local onde estava a polícia, que se seguiram vários outros disparos. Que os primeiros tiros foram em forma de rajada. Que viu um rapaz receber um tiro na cabeça e falecer. Que sabe de três mortos no local da concentração, além de vários ferido. Que tem certeza de que todos os soldados estavam atirando. Que os civis estavam muito perto da polícia e os soldados estavam com as armas sempre em condição de atirar.
- 1.2.45 – Pg. 24, Termo de inquirição de testemunha:** Antônio Carlos de Oliveira, motorista. Que dirigia o caminhão Opel da Usiminas, cedido à 5ª Companhia de Polícia. Que levou alguns policiais para o alojamento no Santa Mônica, onde já havia um jeep cheio de policiais. Que foram recebidos a pedradas, sendo que os soldados começaram a trocar tiros com os operários. Que foram atacados dois alojamentos. Que uma parte dos policiais subiu ao alojamento para efetuar prisões enquanto a outra deu cobertura. Que o tenente Jurandir estava presente. Que os presos foram obrigados a se deitar no chão com a mão na cabeça e foram revistados. Que foi dada ordem para que eles subissem no caminhão, momento em que todos os policiais batiam nos detidos, que passavam nas mãos de todos os PMs. Que o tenente não bateu, mas assistiu a tudo. Que após ir de encontro ao Dr. Gil no Horto, foram em direção ao Santa Mônica, juntamente com o tenente. Que logo chegou o padre. Que ainda havia troca de tiros quando chegou aos alojamentos pela segunda vez. Que foi negociado com os operários que eles se retiraram caso a polícia também o fizesse. Que então regressaram ao quartel, junto com o Dr. Gil. Que então os operários presos foram liberados. Que pela manhã, levou um grupamento de policiais para a porta da garagem da Usiminas. Que a massa que lá se encontrava ofendia a polícia com palavras, além de jogar pedras. Que os soldados abriram fogo, mas não viu quem deu a ordem. Que não viu nessa hora ninguém morto. Que os soldados se recolheram no caminhão e continuaram a atirar. Que o caminhão teve que ser empurrado para pegar e os soldados continuaram atirando até a entrada do Bom Jardim. Que na manhã seguinte foi buscar café para os soldados e os operários, ao reconheceram o caminhão, atearam-lhe fogo.
- 1.2.46 – Pg. 34, Termo de perguntas ao indiciado:** Robson Zambrogno, capitão da polícia. Relata que antes mesmo dos acontecimentos dos dias seis e sete, o setor de vigilância da Usiminas já havia requerido a presença de policiais nos portões da usina, que o clima entre os operários e vigilantes estava tenso e que havia a iminência de um movimento grevista, principalmente por melhores salários. Que o declarante era contrário a colocar soldados dentro ou na porta da usina, por temer acirrar o clima tenso, mas que determinou que dois soldados ficassem na estrada, em frente ao portão, como se estivessem fazendo guarda de trânsito, enquanto vigiavam o portão e pudessem intervir caso ocorresse algo. Que houve algumas

dificuldades na implantação dessa guarda, mas tudo foi acertado com a direção da Usiminas. Que durante a noite, esse serviço seria feito por uma dupla a cavalo que estava destacada para policiar o bairro Santa Mônica. Que no dia seis foi informado da perturbação à ordem no Santa Mônica. Que ao chegar ao local, junto com o tenente Jurandir, já havia barricadas montadas pelos operários e foram recebidos com tiros e pedras. Que entre os soldados, alguém tocava um trombeta com toque militar. Que resolveu reunir os policiais na base do morro. Que então foi informado de que o sargento Carlos estava ferido e foi levado por um soldado até o outro alojamento, onde encontrou o sargento e cerca de 200 operários, aprisionados por ordem do sgt. Carlos, deitados com a mão na cabeça. Que resolveu levar esses homens para o quartel, pois não poderia soltá-los imediatamente, vez que eles eram mais numerosos que os policiais e poderiam se rebelar. Que os homens foram levados para o quartel. O declarante então foi à casa de João Cláudio, onde encontrou o dr. Gil, que queria tentar parlamentar com os operários e acalmar os ânimos. Que o declarante se opôs e sugeriu que fosse pedida ajuda ao padre. Que o padre aceitou e foi parlamentar com operários, a fim de montar uma comissão com cerca de 10 homens para negociar. Que um soldado disparou mesmo sem ordem para tal e foi repreendido. Que conseguiram entrar num acordo, que envolvia a retirada da PM do local e a libertação dos presos. Que a tropa se retirou, mesmo com resistência de alguns policiais. Que no quartel, o Dr. Gil conversou com os homens presos e eles foram liberados, sendo que alguns foram para o ambulatório, serem medicados. Que havia vários feridos, mas nenhum grave. Que no quartel, pediu reforço ao 6º BI. Que manteve a tropa no quartel. Que por volta de 6h30min, recebeu um telefonema do senhor Braga, sub-chefe da vigilância da Usiminas, pedindo reforço na Usiminas. Que foram mandados dez soldados, além de três reforços, cada um de dois soldados. Que se dirigiu ao escritório central em companhia do sgt. José Francisco, do Cabo Teodoro e um cabo de Fabriciano. Que passou um radiograma para o Comandante Geral de polícia e começou a conversar com os diretores da Usiminas presentes. Que o senhor João Cláudio disse que o médico que havia examinado os feridos na noite anterior teria dito que todos apresentavam sinais de embriaguez. Que teve início a reunião com os diretores, o declarante e os representantes dos sindicatos. Que escreveu um bilhete para o tenente Jurandir. Que a reunião terminou, ficando acordada a suspensão do policiamento montado até a conclusão do inquérito, a instauração de inquérito para apurar o ocorrido na noite anterior. Que os participantes se dirigiram para o local da aglomeração, sendo que o sindicato trataria de dispersar os grevistas e o declarante recolheria a tropa. Que já estavam no pátio externo do escritório central quando ouviram barulhos de tiros. Que o declarante, junto com o sargento e os cabos tomou o jeep e foi em direção à aglomeração, que logo encontraram o caminhão com a tropa vindo no sentido contrário. Que deu ordens para que os policiais parassem de atirar, por diversas vezes, mas não foi atendido. Que o tiroteio só parou quando o caminhão saiu da rodovia. Que instalou a tropa defensivamente, pois temia que a população, revoltada, atacasse-os. Que determinou que a tropa estava proibida de sair do quartel, inclusive o tenente Jurandir. Que acredita que o tenente fez um relação com os soldados que estavam no local do tiroteio. Que tinha determinado que a tropa entrasse na Usiminas, ocupando o galpão da vigilância, que só depois o tenente explicou que a massa impediu a passagem da tropa para entrar

na área da usina. Que teve notícia de que a multidão era imensa, atirava pedras contra a polícia e chegou a cercar a tropa. Que o tenente disse que: antes de atirar, usou bombas de efeito moral, que também “foi obrigado a abrir fogo”, que deu dois tiros. Que enquanto perseguia o caminhão, em cima do qual os policiais continuavam atirando, viu muita gente cair à beira da rodovia, que não sabe se mortas, feridas ou apenas se protegendo. Que o caminhão não estava sendo perseguido. Que na visão do declarante, não havia como justificar o prosseguimento a no várias vezes antes, diante do cometimento de abusos e violência por parte de policiais, tomou medidas enérgicas para combater esses comportamentos. Que as pessoas de Ipatinga desgostavam especialmente dos soldados da Cavalaria e que os operários não gostavam da vigilância.

- **1.2.47 – Pg.51. Termo de perguntas ao indiciado:** Carlos Alberto Xavier, segundo sargento. Que no dia seis, estava no cinema, quando foi informado por “Aristides” que os operários planejavam agredir os vigilantes na saída do turno. Que reafirmou as ordens de que uma dupla da cavalaria ficasse próxima ao portão, para qualquer eventualidade. Que de fato houve agressão e os cavalarianos intervieram. Que à noite, foi informado pelo Cabo Aristides que havia uma desordem no bairro Santa Mônica teria sido e que uma dupla da Cavalaria teria sido feita refém. Que chegou ao alojamento, tendo antes se encontrado com alguns subordinados no caminho. Que lá, havia uma barreira já montada. Que os operários se mostravam violentos, xingando, jogando pedras e dando tiros. Que saltou a barreira montava pelos operários, mas foi repellido e se retirou. Que foi então ao alojamento da Chicago onde também encontrou barricadas. Que os operários também repeliram os policiais de forma violenta. Que nesse momento recebeu um ferimento no braço que julgou ter sido provocado por um tiro, mas que fez uma radiografia e não foi encontrado qualquer traço do projétil. Que com a ajuda dos soldados Marçal e Moacir, prenderam cerca de 200 operários no alojamento Chicago. Que então chegaram o tenente Jurandir e o capitão Robson. Que os detidos foram embarcados nos caminhões em direção ao quartel. Que presenciou a conversa do capitão e do padre, em que aquele pedia ao padre sua intervenção para acabar com o motim. Que os operários aceitaram desfazer as barricadas se a polícia se retirasse e os companheiros fossem soltos, proposto com a qual o capitão concordou. Que no quartel os detidos conversaram com o Dr. Gil Guatimosim e depois os feridos foram levados ao ambulatório e os demais, foram para o alojamento. Que no outro dia, quando acordou, a tropa já tinha sido deslocada para a porta do almoxarifado. Que foi ao quartel e encontrou com alguns soldados lá. Que estava no quartel quando a tropa retornou após os lamentáveis acontecimentos em frente ao portão da Usiminas, mas não ouviu comentários sobre o tema.
- **1.2.48 - Pg.56: Termo de perguntas ao indiciado.** José Maria Francisco, cabo. Relata que na noite do dia 6, estava já deitado, por volta de 23h, quando o Sgt. Carlos lhe deu ordem de acompanhá-lo até o Santa Mônica. Que de fato o fez, até entrarem na parte asfaltada, quando seu animal sofreu um tombo e o declarante ficou para trás. Que o sargento seguiu na frente. Que quando chegou ao alojamento, já se encontravam o capitão Robson e o tenente Jurandir, além do sargento Carlos, alguns outros soldados e vários operários presos. Que soube que o capitão pediu ao padre para apaziguar a situação. Que depois de tudo serenado, a tropa se retirou para o quartel e os presos foram liberados. Que cerca de 5h o tenente Jurandir

conduziu uma tropa para guarnecer a porta do almoxarifado da Usiminas. Que ao chegarem ao local, havia cerca de três mil pessoas, que tentaram transpor o portão, mas a tropa foi impedida pela multidão. Que a tropa se colocou há cerca de 100 metros da multidão, que foi se fechando ao redor deles. Que alguém jogou uma pedra no soldado Sebastião que disse que estava morrendo. Que, sem receberem ordem para tal, começaram a atirar, uns para o chão, outros para o ar. Que logo em seguida o tenente Jurandir ordenou o cessar fogo. Que enquanto estavam no caminhão, se deitou no assoalho da carroceria, para não ser atingido pelo povo. Que não viu ninguém caindo na estrada, mas ficou sabendo que houve sete feridos e dezenas de mortos.

- **1.2.49 – Pg. 58. Termo de perguntas ao indiciado:** Moacir Gomes de Almeida, soldado. Relata que estava, junto com o soldado Marçal, fazendo ronda no bairro Cariru, quando foi levado ao bairro Santa Mônica pela radio patrulha. Que havia uma algazarra nos alojamentos, que diante do não acatamento pelos operários, o sargento determinou a prisão deles, que foram postos do lado de fora e conduzidos ao quartel. Que soube que em outro alojamento também foram montadas barricadas. Que estava lá quando chegaram o capitão Robson, o tenente Jurandir e o padre Avelino, que tentou um entendimento com os operários. Que foi atingido o acordo. Que a tropa retirou-se do local e ao chegar ao quartel, foram postos em liberdade os operários detidos. Que às 5h30min, dirigiu-se ao portão do almoxarifado da Usiminas, para fazer guarda, que os chefes da usina receavam a grande massa que lá se juntava. Que se lembra de que havia 17 policiais na tropa. Que a tropa tentou passar pelo portão, mas foram impedidos pela massa. Que o povo foi agressivo com a polícia. Que a massa foi crescendo e se aproximando da tropa. Que foram lançadas bombas de efeito moral, que os líderes do movimento gritavam incentivando os operários a resistirem. Que após isso, a resistência do povo se tornou mais feroz. Que o tenente mandou que a tropa subisse no caminhão, que não quis pegar e precisou ser empurrado e que os policiais que ficaram empurrando foram agredidos, sendo que os homens que já estavam no caminhão começaram a atirar para defendê-los. Que depois que o caminhão começou a se mover o tenente Jurandir ordenou o cessar-fogo. Que ninguém mais teria atirado com o caminhão em movimento. Que soube depois pelos jornais que algumas pessoas ficaram feridas e morreram na rodovia. Que foram para o quartel, de onde não saíram mais. Que os operários estavam descontentes com a vigilância da usina. Que tinham conhecimento que as lideranças operárias preparavam uma greve. Que incitavam os operários a se rebelar contra a os diretores e a usina. Que acredita que esses líderes que incitavam os operários eram comunistas. Que os líderes diziam alto para o povo se afastar, mas sussurravam para que os grevistas atacassem a polícia.
- **1.2.50 – Pg.61 – Termo de perguntas ao indiciado:** Argentino Teodoro Tavares, soldado. Que na noite do dia 6, foi chamado ao bairro Santa Mônica. Ao chegar lá encontrou uma barricada. Que foram recebidos com pedradas. Que foi buscar auxílio. Que passou próximo de uma janela aberta em um alojamento e viu soldados em dificuldades, que foi ajudá-los. Que encontrou o sargento Carlos e alguns soldados fazendo guarda de cerca de 200 presos. Que viu a chegada do capitão Robson, do tenente Jurandir e do padre Avelino. Que realizado o acordo, voltaram ao quartel e os presos foram libertados. Que pela manhã, o tenente Jurandir saiu com uma tropa de 11 homens, que o declarante foi na segunda leva, como reforço.

Que no portão encontrou cerca de três mil pessoas, que a massa desferiu vários xingamentos contra a tropa. Que a massa foi se aproximando e cercado a tropa e foi necessário usar bombas de efeito moral para conter o avanço. Que isso não foi suficiente e os soldados começaram a atirar, Que o declarante só teria atirado para o chão. Que o tenente ordenou que subissem no caminhão, que tropa tentou se abrigar da multidão, que disparava contra a tropa, que não viu seus companheiros atirar enquanto estavam no caminhão. Que viu quando o jeep com o capitão Robson cruzou com o caminhão. Que foram para o quartel e de lá só saiu quando viajou para a capital.

- **1.2.51 – Pg. 63. Termo de perguntas ao indiciado:** Francisco Torres Dutra, soldado. Relata que estava fazendo ronda no bairro Maringá quando foi informado por um civil da alteração da ordem no bairro Santa Mônica. Que se dirigiu para lá e encontrou o sgt. Carlos e dois soldados, efetuando prisões, sendo cerca de 250 presos. Que viu a chegada do capitão Robson, do tenente Jurandir e do padre. Que o capitão ordenou a retirada dos policiais e que logo que a tropa chegou ao quartel, os presos foram liberados. Que no dia sete, pela manhã, saiu com a tropa do tenente Jurandir para o portão da Usiminas, que lá encontraram cerca de três mil pessoas. Que a tropa sofreu várias agressões verbais, além de pedradas e tiros. Que foram utilizadas bombas de efeitos moral, mas a multidão não se dispersou. Que aumentaram as agressões, até que a tropa começou a disparar. Que logo o tenente ordenou que a tropa entrasse no caminhão e se retirasse. Que não disparou no trajeto até o quartel. Que viu o jeep do capitão Robson ir atrás do caminhão, que chegaram juntos ao quartel, que de lá só saiu para ir para Belo Horizonte.
- **1.2.52 – Pg. 65. Termo de perguntas ao indiciado :** Floricio Fornaciari, soldado. Relata que não tomou parte nos acontecimentos no bairro Santa Mônica. Que foi chamado ao quartel e integrou a tropa que se dirigiu para a portaria da Usiminas. Que havia no portão uma massa de quatro a cinco mil pessoas. Que tentaram passar pelo portão, mas a multidão não permitiu a passagem. Que a tropa foi posicionada em uma linha, próxima a rodovia. Que o tenente tentou passar pelo portão, com a ajuda do padre Avelino, mas não conseguiu. Que a multidão agredia verbalmente a tropa e que em um dado momento, exibia-se uma bandeira vermelha. Que usaram bombas de efeito moral par dispersar a multidão, mas não funcionou, de modo que começaram a disparar para assustá-los. Que não sabe explicar os mortos e feridos no local da aglomeração, pois os tiros foram “só para amedrontar”. Que logo o tenente ordenou que a tropa subisse no caminhão, que uma vez no caminhão não disparou mais. Que quando estava com a tropa, de frente para multidão, ficou muito receoso de não sair dali vivo.
- **1.2.53 – Pg. 66 – Termo de perguntas ao indiciado:** Milton Souto e Silva, soldado. Relata que na noite do dia 6 de outubro, estava na dupla que dava apoio aos vigilantes na saída do turno da Usiminas. Que houve uma desavença entre vigilantes e operários, e tiveram que intervir na briga utilizando-se de força física. Que resolvida a situação os operários entraram no caminhão em direção ao alojamento. Que então a dupla da cavalaria dirigiu-se ao bairro Santa Mônica, onde encontraram uma aglomeração de cerca de 1000 homens, que os receberam com pedradas. Que não podendo combater a multidão, foram atrás do sgt. Carlos e aguardaram o reforço no pé do morro. Que chegaram alguns soldados e o sgt. Que o

sgt. E dois soldados saíram, enquanto a dupla ficou nas barricadas. Que momentos depois, foram ao encontro do sargento e o encontraram realizando a prisão de cerca de 250 operários, em outro alojamento. Que logo chegaram o capitão Robson, o tenente Jurandir e o padre, que parlamentou com os revoltosos. Que em pouco tempo, a tropa foi recolhida ao quartel e os presos que estavam lá, liberados. Que aqueles que se diziam machucados foram ao ambulatório. Que no outro dia, pela manhã, fez parte da tropa do tenente Jurandir que foi para a Usiminas. Que lá havia cerca de quatro mil pessoas. Que tentaram passar pelo portão, mas foram impedidos e ficaram próximos a rodovia. Que a multidão foi hostil com a tropa. Que havia um ferroviário com uma bandeira vermelha. Que lançaram bombas de efeito moral, que não surtiram efeito. Por isso, passaram a atirar, para o chão e para o ar. Que não viu ninguém cair morto ou ferido. Que o tenente Jurandir ordenou que entrassem no caminhão. Que ninguém teria atirado do caminhão. Que chegaram ao quartel e lá ficou até ir para Belo Horizonte.

- **1.2.54 – Pg. 68: Termo de perguntas ao indiciado:** Sebastião Cândido dos Santos, soldado. Relata que na noite do dia 6 estava de guarda no cinema. Que foi para casa e no outro dia, às 5h, juntou-se a tropa do tenente Jurandir que foi para a Usiminas, como reforço. Que lá havia cerca de quatro mil pessoas, que faziam todo tipo de provocação à tropa. Que foram lançadas bombas de efeito moral, que não surtiram efeito. Que levou duas pedradas no rosto e não viu mais nada, que foi auxiliado para subir no caminhão. Que não atirou do caminhão. Que no quartel foi medicado pelo Dr. Abelha. Que depois, foi para Belo Horizonte.
- **1.2.55 – Pg.69 – Termo de perguntas ao indiciado:** Sebastião Campelo de Oliveira, soldado. Relata que estava fazendo patrulha, quando foi informado de que deveria ir ao bairro Santa Mônica, onde havia uma alteração da ordem. Que lá chegando, encontrou o sargento Carlos e um grande número de civis presos. Que recebeu a incumbência de ficar entre os presos e as barricadas, para evitar qualquer surpresa, que não pode ver a chegada do capitão Robson, mas viu o padre Avelino subir para conversar com os revoltosos. Que os presos foram levados ao quartel e após a interferência do padre, a tropa também foi retirada para o quartel. Que não viu os presos serem liberados. Que se dirigiu com a tropa do tenente Jurandir para a Usiminas, que antes das seis da manhã, já havia de mil e quinhentas a duas mil pessoas no local. Que a tropa deveria patrulhar dentro da obra, mas a multidão não permitiu a passagem. Que a tropa foi colocada em linha, perto da rodovia. Que o tenente tentou passar sozinho com a ajuda do padre, mas foi impedido. Que a multidão foi cercando a tropa, avançando sobre ela, que jogaram pedras e os agrediram verbalmente. Que havia um agitador de camisa vermelha que gritava “Sangue!”. Que lançaram bombas de efeito moral, que não surtiram efeito. Por isso, passaram a atirar, para o chão e para o ar. Que não viu ninguém cair morto ou ferido. Que o tenente Jurandir ordenou que entrassem no caminhão. Que foi atingido de raspão quando já estava no caminhão. Que não viu ninguém atirar depois que subiram no caminhão. Que cruzaram com o jeep do Capitão Robson, que acenava, ordenando que parassem. Que pararam ao quartel e lá ficaram até ir para Belo Horizonte.
- **1.2.56 – Pg. 72: Termo de perguntas ao indiciado:** José Gomes Vidal, soldado. Relata que estava fazendo ronda no bairro Cariru, junto com o soldado Adelino,

quando foi avisado pelo cabo Aristides que deveria ir ao bairro Santa Mônica, prestar ajuda. Que lá chegando, encontrou o capitão Robson, o tenente Jurandir e o sargento Carlos, que mantinha prisioneiros um grande número de operários. Que fez parte da guarda que levou tais presos ao quartel. Que dentro de pouco tempo, o capitão Robson chegou e liberou os presos, sendo que alguns foram para o ambulatório. Que o declarante fez parte da tropa do tenente Jurandir que foi para a Usiminas. Que a tropa deveria patrulhar dentro da obra, mas a multidão de cerca de três mil pessoas não permitiu a passagem. Que a tropa foi colocada em linha, perto da rodovia. Que o tenente tentou passar sozinho com a ajuda do padre, mas foi impedido. Que todos os caminhões que levavam operários eram parados, para aumentar a massa de amotinados. Que havia um agitador de camisa vermelha que gritava “Queremos sangue!”. Que foram lançadas bombas de efeito moral, mas a multidão não se dispersou. Que a multidão foi cercando a tropa, avançando sobre ela, que jogaram pedras e os agrediram verbalmente. Que a tropa teve medo de ser linchada, por isso, passaram a atirar, para o chão e para o ar. Que o tenente Jurandir ordenou que entrassem no caminhão. Que o soldado Sebastião que havia sido atingido por pedradas, teve muita dificuldade de subir no caminhão. Que ninguém teria atirado do caminhão, que a tropa estava abaixada na carroceria do caminhão. Que chegaram ao quartel e lá ficou até ir para Belo Horizonte. Que os operários puseram fogo no caminhão que transportou a tropa para apagar evidências dos tiros e pedradas que a massa jogou contra a tropa.

- **1.2.57 – Pg.74: Termo de perguntas ao indiciado: José Rodrigues, soldado.** Relata que estava fazendo patrulha, quando foi informado de que deveria ir ao bairro Santa Mônica, onde havia uma alteração da ordem. Que no caminho, encontrou o sargento Carlos. Que foi até o alto do bairro, junto com o soldado Clovis, onde os operários haviam montado uma barricada. Que foi recebido com tiros e pedradas. Que seguiu para outro alojamento, onde encontrou o capitão Robson, o tenente Jurandir e o sargento Carlos, que mantinha prisioneiros um grande número de operários. Que viu o padre chegar, conversar com o capitão e ir conversar com os amotinados. Que os presos foram levados ao quartel. Que ajudou a fechar as portas e janelas do alojamento. Que após a interferência do padre, a tropa também foi retirada para o quartel. Que os presos foram libertados e alguns deles foram medicados. Que, às 5h10min se dirigiu com a tropa do tenente Jurandir para a Usiminas, que havia três mil pessoas no local. Que a tropa deveria patrulhar dentro da obra, mas a multidão não permitiu a passagem. Que a tropa foi colocada em linha, perto da rodovia. Que todos os caminhões que levavam operários eram parados, para aumentar a massa de amotinados. Que a multidão foi cercando a tropa, avançando sobre ela, que jogaram pedras e os agrediram verbalmente. Que o soldado Sebastião foi atingido por pedradas. Que foram lançadas bombas de efeito moral. Que a tropa teve medo de ser linchada, por isso, passaram a atirar, para o chão e para o ar. Que o tenente Jurandir ordenou que entrassem no caminhão. Que ninguém teria atirado do caminhão, que a tropa estava abaixada na carroceria do caminhão. Que não viu ninguém cair morto ou ferido. Que chegou ao quartel e lá ficou até ir para Belo Horizonte.
- **1.2.58 – Pg.76: Termo de perguntas ao indiciado: João Clementino da Silva, soldado.** Relata que estava de folga na noite do dia 6, e foi acordado pelo sargento Carlos que requisitou que fosse à zona boêmia encontrar alguns policiais que faziam

ronda lá e pedir que fossem até o bairro Santa Mônica. Que assim o fez e ao chegar lá, encontrou cerca de 200 presos. Que logo chegaram o capitão Robson, o tenente Jurandir, o Dr. Gil e o padre. Que sem saber da situação, foi até o alto do bairro onde foi atacado com pedradas por operários em barricadas, que então retornou à parte baixa, onde foi decidido que o padre Avelino iria tentar chegar a um acordo com os operários. Que feito o acordo, os operários se retiraram e também a tropa. Que, às 5h30min se dirigiu com a tropa do tenente Jurandir para a Usiminas, que havia quatro mil pessoas no local. Que a tropa deveria patrulhar dentro da obra, mas a multidão não permitiu a passagem. Que a tropa foi colocada em linha, perto da rodovia. Que todos os caminhões que levavam operários eram parados, para aumentar a massa de amotinados. Que também um trem foi parado e a tripulação obrigada a se juntar aos grevistas. Que ficaram parados, de pé, das 5h30min até 9h30min. Que a multidão foi cercando a tropa, avançando sobre ela, que jogaram pedras e os agrediram verbalmente. Que havia um agitador de camisa vermelha que gritava “Queremos sangue!”. Que ele dizia alto para o povo se afastar da tropa, mas baixinho os ensinava como proceder caso houvesse tiroteio. Que foram lançadas bombas de efeito moral. Que a em dado momento, o tenente Jurandir estava em uma situação complicada em meio aos amotinados e ouviu tiros, por isso, passaram a atirar, para o chão e para o ar. Que o tenente Jurandir ordenou que entrassem no caminhão. Que o caminhão teve que ser empurrado. Que ninguém teria atirado do caminhão, que a tropa estava abaixada na carroceria do caminhão. Que viu o jeep do capitão Robson passar e seguir o caminhão. Que chegou ao quartel e lá ficou até ir para Belo Horizonte. Que credita a culpa pelo ocorrido à diretoria da Usiminas, que mantinha uma Equipe de Vigilância muito severa. Que havia sempre briga entre os vigilantes e os operários e a polícia tinha que intervir. Que o ódio dos operários pelos vigilantes se estendeu para a polícia. Que não conseguiu licença por que o capitão disse que a situação estava muito complicada. Que os operários incendiaram o caminhão para apagar as provas e as marcas de tiros nele. Que leu no jornal que a delegacia também foi incendiada. Que o presidente do Sindicato incendiou ainda mais os ânimos no dia sete. Que o tenente Jurandir tentou entrar na Usiminas, mas não conseguiu.

- **1.2.59 – Pg. 78: Termo de perguntas ao indiciado:** Oswaldo Ferrarez de Castro, soldado. Relata que estava fazendo guarda na zona boêmia de Ipatinga, quando foi informado de que deveria ir ao bairro Santa Mônica. Que entrou em jeep e foi levado para parte mais alta do bairro onde foi recebido com pedradas pelos operários entrincheirados. Que diante dessa recepção, desceram para parte mais baixa do bairro, onde encontrou o sargento Carlos, em outro alojamento, com cerca de 200 operários presos. Que em alguns momentos chegaram o capitão Robson, o tenente Jurandir, o Dr. Gil e o padre Avelino. Que os presos foram levados ao quartel e o padre foi negociar com os operários. Que acordaram na saída da tropa do local e na libertação dos presos. Que, pela manhã, dirigiu-se com a tropa do tenente Jurandir para a Usiminas, que havia quatro mil pessoas no local. Que a multidão foi cercando a tropa, avançando sobre ela, que jogaram pedras e os agrediram verbalmente. Que foram lançadas bombas de efeito moral. Que a tropa teve medo e por isso, passaram a atirar, para o chão e para o ar. Que o tenente Jurandir ordenou que entrassem no caminhão. Que o caminhão não quis pegar e teve que ser empurrado. Que ninguém teria atirado do caminhão, que a tropa estava abaixada na

carroceria do caminhão. Que chegou ao quartel e lá ficou até ir para Belo Horizonte. Que viu um agitador com uma bandeira vermelha, gritando “sangue!”. Que os operários incendiaram o caminhão para apagar as provas e as marcas de tiros nele.

- **1.2.60 – Pg. 79, termo de perguntas ao indiciado:** Joaquim Félix de Carvalho, soldado. Relata que estava fazendo guarda na zona boêmia de Ipatinga, quando foi informado de que deveria ir ao bairro Santa Mônica. Que entrou em jeep e foi levado para parte mais alta do bairro onde foi recebido com pedradas pelos operários entrincheirados. Que não podendo reagir diante dessa recepção, desceram para parte mais baixa do bairro, onde encontrou o sargento Carlos, em outro alojamento, e vários operários presos. Que em alguns momentos chegaram o capitão Robson, o tenente Jurandir, o padre Avelino. Que os presos foram levados ao quartel que o declarante ficou escalado para fazer a guarda deles no trajeto. Que dentro de pouco tempo, o capitão chegou ao quartel e os presos foram libertados. Que, cerca de 5h , dirigiu-se com a tropa do tenente Jurandir para a Usiminas, que havia uma multidão no local. Que a multidão foi cercando a tropa, avançando sobre ela, que jogaram pedras, que a tropa foi agredida verbalmente, na forma de várias ofensas. Que foram então, lançadas bombas de efeito moral, para dispersar a multidão, o que não adiantou. Que a multidão foi fechando o cerco e por isso, a tropa passou a atirar, para o chão e para o ar. Que não viu ninguém cair morto ou ferido no local. Que o tenente Jurandir ordenou que entrassem no caminhão. Que o caminhão não quis pegar e teve que ser empurrado. Que ninguém teria atirado do caminhão, que a tropa estava abaixada na carroceria do caminhão. Que viu o jeep do capitão Robson cruzar com o caminhão. Que chegou ao quartel e lá ficou até ir para Belo Horizonte. Que viu um agitador com uma bandeira vermelha, gritando “sangue!”. Que os operários incendiaram o caminhão para apagar as provas e as marcas de tiros nele.
- **1.2.61 – Pg. 80, termo de perguntas ao indiciado:** Odeino Gomes da Silva, soldado. Relata que estava fazendo guarda na zona boêmia de Ipatinga, quando foi informado de que deveria ir ao bairro Santa Mônica. Que lá, foi incumbido de fechar as portas e janelas do alojamento. Que entrou em jeep e foi levado para parte mais alta do bairro onde foi recebido com pedradas pelos operários entrincheirados. Que não podendo reagir diante dessa recepção, desceram para parte mais baixa do bairro, onde encontrou o sargento Carlos, juntamente com o capitão Robson e o tenente Jurandir, e vários operários presos, que estavam sendo levados para o quartel. Que em alguns momentos chegou o padre Avelino e o capitão Robson , que pediu que ele negociasse com os operários. Que a tropa foi retirada e, no quartel, os presos foram libertados. Que, cerca de 5h30min, dirigiu-se com a tropa do tenente Jurandir para a Usiminas, que havia cerca de três mil pessoas no local. Que o tenente tentou entrar na usina, mas foi impedido pela multidão. Que sofreu todo tipo de vexame, que a multidão jogava pedras e tentava tirar as armas da tropa. Que foram então, lançadas bombas de efeito moral, para dispersar a multidão, o que não adiantou. Que então a tropa começou a atirar e o declarante atirou para o chão. Que o tenente Jurandir ordenou que entrassem no caminhão. Que o caminhão não quis pegar e teve que ser empurrado. Que depois que o caminhão pegou, nenhum dos soldados atirou de dentro do caminhão, que a tropa estava abaixada na carroceria do caminhão. Que viu o jeep do capitão Robson cruzar com o caminhão. Que chegou

ao quartel e lá ficou até ir para Belo Horizonte. Que os operários incendiaram o caminhão para apagar as provas e as marcas de tiros nele.

- **1.2.62 – Pg. 81, Termo de perguntas ao indiciado:** Nelson Valeriano, soldado. Relata que estava fazendo guarda na zona boêmia de Ipatinga, quando foi informado de que deveria ir ao bairro Santa Mônica. Que entrou em jeep e foi levado para parte mais alta do bairro onde foi recebido com pedradas e tiros pelos operários entrincheirados. Que não podendo reagir diante dessa recepção, desceram para parte mais baixa do bairro, onde encontrou o sargento Carlos Alberto e vários operários presos por ele mais alguns soldados. Que em alguns momentos chegaram o capitão Robson, o tenente Jurandir. Que os presos foram levados ao quartel. Que com a intervenção do padre, conseguiram serenar a situação. Que tropa foi recolhida ao quartel e os presos foram libertados. Que, às 5h30min, dirigiu-se com a tropa do tenente Jurandir para o almoxarifado da Usiminas, que havia uma multidão, de cerca de quatro mil no local. Que a tropa foi agredida verbalmente, na forma de várias ofensas, além de lançarem várias pedras. Que de quando em quando se ouviam tiros. Que foram então, lançadas bombas de efeito moral, para dispersar a multidão, o que não adiantou. Que viu um agitador com uma bandeira vermelha, gritando que queria ver sangue. Que a multidão foi fechando o cerco e tentava tomar as armas, por isso, a tropa passou a atirar. Que não viu ninguém cair morto ou ferido no local. Que o tenente Jurandir ordenou que entrassem no caminhão. Que o caminhão não quis pegar e teve que ser empurrado. Que ninguém teria atirado do caminhão, que a tropa estava abaixada na carroceria do caminhão. Que viu o jeep do capitão Robson cruzar com o caminhão e começar a segui-lo. Que chegou ao quartel e lá ficou até ir para Belo Horizonte. Que os operários incendiaram o caminhão para apagar as provas e as marcas de tiros nele.

VOLUME 2

- **2. – Continuação do INQUÉRITO POLICIAL MILITAR**
- **2.1 – Pg. 3: Termo de inquirição de testemunha:** João Claudio Teixeira Sales, industriário. Relata que, na noite do dia 6, foi avisado da desordem que ocorria nos alojamentos do bairro Santa Mônica. Que informou o Dr. Gil, que era o encarregado em casos do tipo. Que soube que o Dr. Gil tomou as medidas necessárias para resolver o problema, junto com o capitão Robson. Que posteriormente, teve conhecimento de que os operários montaram barricadas e atacaram os policiais. Que vários operários foram presos e depois liberados. Que no dia 7 pela manhã tomou notícia de que a situação não estava completamente resolvida e que os operários se aglomeravam na porta do Almoxarifado. Que ao passar próximo ao local, às 6h30min, viu cerca de duas mil pessoas reunidas. Que já no Escritório Central, presenciou uma reunião, que durou de 8h às 9h, da qual participaram vários chefes da usina, bem como representantes sindicais. Que os representantes dos operários desejavam a retirada da polícia, propondo que, sendo feito isso, voltariam ao trabalho. Que foi alcançado um acordo. Que antes do fim da reunião o capitão Robson escreveu um bilhete e entregou para alguém fora da sala. Que enquanto se organizavam para pôr em prática o acordo, ouviram-se tiros, que dentro de instantes, viu o caminhão passar pelo escritório central. Que havia soldados agachados e de pé. Que depois que o caminhão passou pelo Escritório Central,

ouviu mais tiros. Que pelo que consta, na portaria da Usiminas, morreram três pessoas e outras quatro morreram ao longo da rodovia MG-4. Que não sabe informar o número de feridos. Que tem observado uma grande fermentação pelos operários, provocada pro líderes sindicais e agitadores. Que a vigilância servia de anteparo à usina, contra os recalques de muitos operários. Que isso tem a ver com a evolução que se observa no mundo inteiro, em que a autoridade vem desaparecendo. Que sabe que o caminhão usado pela tropa, pertencente à Usiminas, foi incendiado. Que havia ameaça de greve entre os operários, que no dia seis havia sido alcançado um acordo salarial. Que confirma que o capitão Robson é oficial honesto.

- **2.2 – Pg.5, Termo de inquirição de testemunha:** Gil Guatimosin Júnior, engenheiro e diretor da Usiminas. Relata que na noite do dia seis de outubro, foi informado pelo sr. José Claudio do ocorrência no bairro Santa Mônica. Que então, entrou em contato com o capitão Robson. Que este já havia estado no local. Que retornaram juntos aos alojamentos e lá chegando, o depoente encontrou barricadas montadas na parte mais alta do bairro, iluminada por faróis de carro. Que das barricadas eram jogadas pedras e às vezes, ouviam-se barulhos de tiro. Que diante do impasse, entre atacar as barricadas ou manter a posição até o dia clarear, o capitão sugeriu que fosse chamado o padre para negociar com os operários. Que enquanto o padre Avelino subia, foram lançadas ainda algumas pedras em e sua direção. Que o objetivo era que o padre descesse com uma comissão para falar com o depoente, mas eles não concordaram, pedindo que o depoente fosse até eles. Que ele então subiu e explicou os termos do acordo: a retirada da polícia, a libertação dos presos do alojamento Chicago Bridge, em troca do desfazimento das barricadas. Que os operários aceitaram o acordo e a tropa se retirou. Que no quartel, encontrou 300 pessoas presas, deitadas no pátio, que conversou com eles e prometeu que a Usiminas tomaria as medidas necessárias no dia seguinte. Que alguns operários foram então levados para o ambulatório e os demais, ao alojamento. Que retornou ao bairro Santa Mônica, com o Sr. Omar, chefe da vigilância da Usiminas. Que ao sair do carro, o mesmo foi atacado por alguns operários, insatisfeitos com a presença do chefe da vigilância. Que as pessoas requeriam a presença de médicos e ambulâncias no bairro, que foram enviados. Que, já em casa, às 5h30min, recebeu um telefonema do padre, avisando que às 7h30min, uma comissão de operários iria encontrá-lo no Escritório Central. Que logo em seguida, às 5h45min, o Sr. Braga, auxiliar da Seção de Disciplina do Trabalho, por telefone, informou-o da multidão que se formava no portão do almoxarifado. Que pediu a intervenção da polícia, confirmada pelo capitão. Que quando se dirigia ao Escritório Central, teve notícia de que a comissão de operários já estava a sua espera. Que durante a reunião foram expostos os pontos de vista dos operários e da Cia, sendo atingido um acordo. Que pediu que o Cap. Robson conversasse com a polícia, para que não se incomodassem com as provocações dos populares e com o pessoal do sindicato para que retirasse o piquete e contivesse os excessos da multidão. Que já se organizavam para sair dali quando ouviram barulhos de tiros. Que viu um veículo passando na rodovia com alguém dando tiros. Que levantamentos feitos posteriormente informaram que houve sete mortos e 79 feridos, na ocorrência do dia sete de outubro. Que o único caso ocorrido na rodovia, pelo que foi informado, foi o da criança atingida no colo de sua mãe. Que entre o almoxarifado e o local dessa ocorrência, há cerca de 1500 metros. Que já tinha notícias de que os operários estavam se organizando em torno

de uma proposta de aumento salarial, que no dia 6, foi acordado um aumento de 38%. Que já tinha recebido denúncias verbais de infiltração comunista na Usiminas.

- **2.3 - Pg. 13: Termo de perguntas ao indiciado:** Teodoro Dionísio de Carvalho, cabo PM. Relata que estava de serviço na zona boêmia, quando foi avisado de que deveria ir ao bairro Santa Mônica, onde havia uma confusão. Que foi de jeep. Que lá chegando, encontrou o capitão Robson e o tenente Jurandir, além de vários civis presos, no alojamento do Chicago Bridge. Que os presos foram levados ao quartel. Que viu que os operários haviam construído uma barricada para enfrentar a polícia, de qual foram jogadas várias pedras. Que o padre Avelino e o Dr. Gil estiveram lá também. Que depois do acordo arranjado pelo padre, retornou ao quartel. Que saiu do quartel para ir ao distrito de Ipatinga e quando retornou a tropa do tenente Jurandir já havia saído. Que acompanhou o capitão Robson na reunião no Escritório Central. Que, a pedido do capitão Robson, foi levar um bilhete para o tenente. Que lá, encontrou uma aglomeração de três mil pessoas. Que após entregar o bilhete, retornou para o escritório e cerca de 10 minutos depois, ouviu muitos tiros. Que o capitão já havia saído da reunião, tomou o jeep na direção de onde vinham os tiros. Que logo cruzaram com o caminhão. Que não viu os soldados darem tiros do caminhão.
- **2.4 – Pg. 15: Termo de perguntas ao indiciado:** Orçalino Duarte, soldado. Relata que na noite do dia 6, estava de serviço montado, no bairro Santa Mônica, quando foi chamado para ajudar os vigilantes da Usiminas. Que se aproximou do portão, mas ficou ainda afastado, esperando. Que logo começou um atrito entre vigilantes e operários. Que tomaram uma atitude enérgica no sentido de os vigilantes serem respeitados no cumprimento de sua missão. Que dali, seguiram para o bairro Santa Mônica. Que lá chegando, encontraram cerca de cem operários aglomerados, que não sabiam o motivo e deram vinte minutos para que eles se recolhessem. Que ao se afastarem, passaram a ser vaiados e levaram pedradas. Que diante da multidão, pediram reforço para o sargento Carlos. Que esse sargento fez cerca de 300 prisões. Que foram montadas barricadas para impedir a aproximação da polícia dos alojamentos. Que depois do acordo conseguido pelo padre, retornaram ao quartel e os presos foram soltos. Que nos ocorridos no dia 7 não tomou parte.
- **2.5 – Pg.17: Termo de perguntas ao indiciado:** Marçal do Nascimento Maia, soldado. Relata que na noite do dia seis de outubro, estava de patrulha no bairro Cariru quando foi levado ao bairro Santa Mônica pela radio patrulha. Que havia uma algazarra nos alojamentos, que ajudou, junto com o soldado Moacir, o sargento Carlos a realizar várias prisões, por conta da algazarra. Que soube que o padre Avelino e o Dr. Gil tentaram um entendimento com os operários. Que foi atingido o acordo. Que a tropa retirou-se do local e ao chegar ao quartel, foram postos em liberdade os operários detidos. Que não participou dos acontecimentos na Usiminas. Que conhece o rapaz “Timóteo” e que não lhe emprestou qualquer revólver.
- **2.6 – Pg.20: Auto de corpo de delito do Sargento Carlos Alberto Xavier.**
- **2.7 – Pg. 22: Auto de corpo de delito de Odir Rodrigues.**
- **2.8 – Pg.25: Auto de corpo de delito de Celine da Silva Machado**
- **2.9 – Pg.26: Auto de corpo de delito de Ivan Ferreira da Costa**
- **2.10 – Pg.27: Auto de corpo de delito de Afonso Enes de Oliveira**
- **2.11 – Pg.28: Auto de corpo de delito de Josias Marinho**

- **2.12 – Pg.29: Auto de corpo de delito de Antonieta Francisca Martins**
- **2.13 – Pg.30: Auto de corpo de delito de José Isabel de Nascimento.**
- **2.14 – Pg.31: Auto de corpo de delito de Nilson João de Miranda**
- **2.15 – Pg. 32: Auto de corpo de delito de Walter Volpato**
- **2.16 – Pg. 33: Auto de corpo de delito de João Pereira da Silva**
- **2.17 – Pg. 34: Auto de corpo de delito de Jurandir Soares Macário**
- **2.18 – Pg. 35: Auto de corpo de delito de Antônio Fernando Bongiovani**
- **2.19 – Pg. 36: Auto de corpo de delito de Benjamin Miranda Neves**
- **2.20 – Pg. 37: Auto de corpo de delito de Antônio Maciel Coelho**
- **2.21 – Pg. 38: Auto de corpo de delito de João Elias de Souza**
- **2.22 – Pg. 39: Auto de corpo de delito de José das Graças Oliveira**
- **2.23 – Pg. 40: Auto de corpo de delito de José João de Souza**
- **2.24 – Pg. 41: Auto de corpo de delito de Waltencir Brito de Paulo Oliveira**
- **2.25 – Pg. 42: Auto de corpo de delito de Cyro Alípio Ciqueira**
- **2.26 – Pg. 43: Auto de corpo de delito de José Elias dos Santos.**
- **2.27 – Pg. 44: Auto de corpo de delito de Francisco de Assis**
- **2.28 – Pg. 45: Auto de corpo de delito de Waldemar Siqueira**
- **2.29 – Pg. 46: Auto de corpo de delito de Walter Pereira Leite**
- **2.30 – Pg. 47: Auto de corpo de delito de Geraldo Celestino Figueiredo**
- **2.31 – Pg 48: Auto de corpo de delito de José Maria de Almeida**
- **2.32 – Pg. 49: Necropsia de Gilson Miranda**
- **2.33 – Pg. 50: Necropsia de Eliana Martins**
- **2.34 – Pg. 51: Auto de corpo de delito de José Vilas Novas Mendes.**
- **2.35 – Pg. 52: Necropsia de Aides Dias de Carvalho.**
- **2.36 – Pg. 53: Auto de Corpo de delito de Carlos Roberto da Silva**
- **2.37 – Pg. 54: Auto de corpo de delito de Jesus Bitencourt Braga**
- **2.38 – Pg. 55: Auto de corpo de delito de Wanderley Santos Soares**
- **2.39 – Pg.56: Auto de corpo de delito de José Silvério Couto**
- **2.40 – Pg. 57: Auto de corpo de delito de Elvande de Oliveira Souza**
- **2.41 – Pg. 58: Auto de corpo de delito de Hélio Soares de Queirós**
- **2.42 – Pg.59: Auto de corpo de delito de Antônio Venâncio de Araújo**
- **2.43 – Pg.60: Auto de corpo de delito de José Aleião da Silva.**
- **2.44 – Pg.61: Auto de corpo de delito de Florício Fornaciari.**
- **2.45 – Pg. 62: Auto de corpo de delito de José Rodrigues**
- **2.46 – Pg. 65: Lista dos internados na Casa de Saúde N. S. do Carmo, no Hospital Siderúrgica, na Casa de Saúde Santa Terezinha e falecidos.**
 - **2.46.1: Falecidos:** Aides Dias de Carvalho (Usiminas), Geraldo Rocha (Usiminas), Sebastião Tomé da Silva (Usiminas), Antônio José dos Reis (CONVAP), Gilson Miranda (EBSE), Alvin Ferreira Filipe de Cavalcante, Eliana Martins (o pai era funcionário da CONVAP).
- **2.47 – Pg. 67: Termo de perguntas ao ofendido:** José Vilas Novas, mecânico. Relata que na noite do dia seis, foi acordado pelo barulho de bombas no alojamento. Que viu policiais agindo com violência no alojamento Chicago Bridge, batendo em e prendendo operários. Que enquanto isso ocorria no alojamento citado, ele e os

companheiros construíram barricadas para proteger o alojamento em que estavam, a fim de evitar a entrada da polícia. Que a polícia tentou se aproximar, mas foi impedida pelos operários. Que não viu seus companheiros jogarem pedras ou atirar contra a polícia. Que o padre Avelino conversou com os operários e por meio de um acordo verbal conseguiu serenar os ânimos. Que uma das condições do acordo era a liberação dos presos do Chicago Bridge. Que eles efetivamente foram soltos, sendo que muitos estavam machucados. Que eles disseram que apanharam muito da polícia. Que então decidiram não trabalhar no dia seguinte, reunindo um grande número de pessoas em frente ao almoxarifado. Que no outro dia, quando pedras foram lançadas contra a tropa, eles reagiram com tiros. Que logo na primeira rajada da metralhadora foi atingido na coxa esquerda. Que viu quatro pessoas feridas à sua frente. Que os soldados faziam mira para acertar as pessoas da concentração. Que ouviu o tenente Jurandir pedir calma ao povo, dizendo que tudo acabaria bem. Que foi ajudado por um japonês, que fez sinal para que a polícia não atirasse, mas mesmo assim, foi atingido.

- **2.48 – Pg. 69: Termo de perguntas ao ofendido:** José Martins da Silva, soldador. Relata que no dia sete de outubro, saiu de sua casa para iniciar o serviço às 6h30min. Que o caminhão que transportava os trabalhadores da CONVAP foi parado pela multidão na rodovia MG-4. Que não conhecia do que se tratava a aglomeração. Que então chegou a tropa da PM e se posicionou próximo à rodovia. Que ficou próximo à tropa e não jogou e nem viu nenhum civil jogar pedras na polícia. Que passado algum tempo que estava lá, virou-se para conversar com um colega e, de repente, ouviu vários tiros, ao mesmo tempo. Que o depoente se deitou no chão, mas mesmo deitado foi alvejado. Que tem certeza que foi atingido por tiros de metralhadora, que foi atingido por várias balas, que estavam alojadas. Que depois do tiroteio foi levado para o Hospital Siderúrgica, e depois transferido para a capital. Que no dia 6, não saiu do bairro onde reside.
- **2.49 – Pg. 71: Termo de perguntas ao indiciado:** Aristides Josefino da Silva, cabo. Relata que na noite do dia 6, estava no comando da patrulha do carro de presos, que recebeu ordem do capitão Robson de dirigir-se às proximidades da garagem, que lá encontrou uma dupla da Cavalaria. Que essa guarda se devia ao fato de que o procedimento de revista que a vigilância da Usiminas estava realizando nos operários não estava sendo bem recebido. Que logo que começou a revista, houve uma agressão entre vigilantes e operários e a dupla da cavalaria foi chamada. Que a dupla dispersou a confusão, que não foi necessária a interferência pessoal do declarante. Que os operários entraram no caminhão e foram levados ao bairro Santa Mônica (falta final da página 70 na numeração do volume). Que viu os operários que haviam sofrido revista aglomerados, que deu notícia ao sargento Carlos que o pediu que fossem a todos os bairros onde houvesse soldados mandando que se dirigissem ao Santa Mônica. Que os soldados deveriam esperar um dos superiores no bairro. Que depois de cumprir a tarefa, o declarante foi também para o local, encontrando o capitão Robson, o tenente Jurandir e o sargento lá. Que havia um alojamento com cerca de 200 operários presos. Que em outro, ouviam-se muitos gritos. Que o declarante ficou fazendo guarda dos detidos e depois os levou para o quartel. Que dali a algumas horas, o capitão chegou ao quartel, mandou que os operários se levantassem (estavam deitados no pátio) e conversou com eles, pedindo calma. Que foram postos nos caminhões e

reconduzidos. Que não viu nenhum deles ferido e não sabe se foram levados ao ambulatório. Que não tomou parte da tropa do tenente Jurandir no dia seguinte.

- **2.50 – Pg. 73: Termo de perguntas ao indiciado:** Adão Nunes Vieira, soldado. Que era motorista do carro de presos. Que estava junto com o cabo Aristides quando foram procurados por Braga para ajudar os vigilantes na saída da Usiminas, na noite do dia 6. Que não concordando com o pedido foram conversar com o sargento Carlos para maiores informações, que autorizou que atendessem ao pedido de Braga. Que foram também falar com o capitão Robson, para confirmar a ordem. Que ele estava ciente e determinou que dessem garantia aos vigilantes. Que o carro e a dupla da cavalaria já escalada para o serviço ficaram distantes do portão, de forma que não pudessem ser vistos pelos transeuntes. Que logo chegaram os caminhões com operários e desenrolou-se um conflito, pois os operários não queriam passar pela revista. Que a dupla da cavalaria tomou posição e o carro e também foram com o carro para dar cobertura. Que a situação se resolveu de pronto. Que, mais tarde, ao passarem pelo quartel, tiveram notícias que a dupla que estava de serviço no bairro Horto estava sendo atacada pelos operários. Que se dirigiram para lá onde encontraram a dupla, sendo que um dos homens estava machucado. Que podiam ouvir um grande barulho no bairro Santa Mônica. Que diante da gravidade, foram à casa do sgt. Carlos, que deu ordem para que Aristides recolhesse todas as duplas de policiamento para levá-las ao bairro Santa Mônica. Que assim o fizeram e depois foram para o local. Que lá estavam o capitão Robson, o tenente Jurandir e o sargento, além de “um punhado” de presos. Que permaneceu no local com o carro. Que os operários foram postos em caminhões e levados ao quartel. Que dentro de algum tempo, chegaram o padre e o Dr. Gil Guatimosin. Que viu quando eles foram negociar com os operários e voltaram com alguns operários, para negociar com o capitão. Que saiu para abastecer o carro e foi informado de que não havia energia elétrica. Que ao retornar, o carro recebeu uma pedrada. Que já no quartel, viu o capitão chegar na companhia do Dr. Guatimosin, conversarem com os presos e os liberarem, sendo alguns enviados para o ambulatório. Que no dia seguinte não saiu do quartel.
- **2.51 – Pg.77, Termo de acareação entre Marçal do Nascimento Maia e Rosalino Rodrigues de Sousa.** Rosalino havia dito que participara do tiroteio em Ipatinga com um revólver calibre 22 emprestado por Marçal, que nega a afirmativa. Perguntados, Rosalino explicou que, na realidade, comprara, tempos atrás, comprara uma garrucha 320 do civil “Efigênio”, e que Marçal intermediou a compra.
- **2.52 – Pg. 78, Termo de declarações do indiciado:** Clóvis Inácio da Silva, soldado. Relata que estava havia pouco tempo no destacamento de Ipatinga. Que estava patrulhando no bairro Maringá, próximo ao Santa Mônica, com o soldado Dutra, quando ouviram muitos barulhos oriundos daquele bairro, tendo se dirigido para lá. Que chegaram junto com o sargento Carlos, que a dupla da Cavalaria que havia sido agredida já havia se retirado. Que foram atacados por pedras e palavrões pelos operários. Que recebeu pedradas e um golpe na boca, que lhe quebrou o dente. Que foi nesse momento que o sargento foi baleado. Que foi por causa dessa situação que ocorreram as prisões no Chicago Bridge. Que quando os presos foram levados para o quartel, foi com eles, por ordem do capitão Robson. Que não praticou violências contra os operários. Que quando houve o acordo, ainda estava no Santa

Mônica. Que após o acordo, viu, após a soltura dos presos, que alguns foram levados ao ambulatório. Que não é capaz de identificar os feridos, devido à escuridão no bairro Santa Mônica. Que no dia 7, ficou de guarda no quartel, não tomando parte da tropa do tenente Jurandir.

- **2.53 – Pg. 80, Termo de perguntas ao indiciado:** Sargento Carlos Alberto Xavier, relata que todo o armamento utilizado no dia 7 tinha sido distribuído à tropa no dia 6, em face dos acontecimentos no bairro Santa Mônica. Que a divisão consta correta e integralmente nos livros.
- **2.54 – Pg. 81, Termo de perguntas ao indiciado:** Soldado Florício Fornaciari, declara que o revólver por ele utilizado no dia sete foi devolvido antes de viajar para Belo Horizonte, que utilizava sempre o mesmo revólver.
- **2.55 – Pg. 82, Termo de perguntas ao indiciado:** Elias Inácio da Silva, soldado. Relata que estava de serviço no comércio de Ipatinga, quando recebeu um telefonema sobre as ocorrências no bairro Santa Mônica. Que se dirigiu para lá com sua dupla, o soldado José Rodrigues. Que se encontraram no caminho com o sargento Carlos, que lhes deu ordem para que fossem para o Santa Mônica. Que lá, encontraram com outra dupla da cavalaria, já afastada da multidão, que gritava e promovia desordens. Que ficou em um lado do alojamento e não viu quando o sargento foi baleado. Que, chamados pela outra dupla da Cavalaria, dirigiram-se mais abaixo, onde havia mais de cem presos. Que já estavam presentes o capitão Robson e o tenente Jurandir, tendo chegado depois o padre e o Dr. Gil. Que houve um acordo, tendo a tropa regressado para o quartel. Que antes de soltar os presos, já no quartel, o capitão conversou com eles. (falta fim da página 81, numeração do volume físico). Que sob o comando do tenente Jurandir, saiu do quartel.
- **2.56 – Pg 84, Termo de perguntas ao indiciado:** José Rodrigues, soldado. Afirma que devolveu o revólver que utilizou no dia 7 foi devolvido ao sargento Carlos, antes de viajarem a esta capital.
- **2.57 – Pg. 85, Termo de perguntas ao indiciado:** soldado José Gomes Vidal Filho, relata que no dia 7 seu revólver enguiçou, tendo trocado de arma com o soldado Moacir. Que a troca foi desfeita ao retornar ao quartel. Que seu nome foi anotado na evolução.
- **2.58 – Pg. 86, Termo de perguntas ao indiciado:** soldado Oswaldo Ferrarez de Castro. Relata que o revólver utilizado por ele no dia sete foi devolvido ao soldado Sena, antes de viajarem para a capital, tendo o sargento Carlo realizado as devidas anotações.
- **2.59 – Pg. 87, Termo de perguntas ao indiciado:** soldado Moacir Gomes de Almeida. Relata que no dia sete, estava armado com um FM ZB e um revólver calibre 45. Que no momento do tiroteio, o revólver do soldado Vidal enguiçou, tendo trocado de revólver com ele, ficando com o revólver enguiçado e com o fuzil. Que a troca foi desfeita ao chegarem ao quartel.
- **2.60 – Pg. 88, Termo de perguntas ao indiciado:** soldado Elson Valeriano, relata que o revólver por ele utilizado no dia 7 foi entregue ao sargento Carlos, quando retornou ao quartel.
- **2.61 – Pg. 89, Termo de perguntas ao indiciado:** soldado Odeíno Gomes da Silva. Relata que a arma usada no dia sete foi entregue a um soldado no quartel, que já

estava com ele há tempo e que na devolução, foram feitas as devidas anotações no livro.

- **2.62 – Pg. 90, Termo de perguntas ao indiciado:** soldado Sebastião Campelo de Oliveira. Relata que a arma utilizada no dia sete foi devolvida ao soldado João de Assis, que havia recebido esse revólver no dia seis, sendo feitas as devidas anotações no livro.
- **2.63 – Pg. 94, termo de inquirição de testemunha:** Wantuil Schwenk, industriário. Que na manhã do dia sete, dirigiu-se ao seu local de trabalho, na Usiminas e havia cerca de 1.500 pessoas no portão. Que com muito custo, conseguiu chegar o local de bater cartão, mas não entrou em serviço pois o setor estava fechado. Que voltou e entrou no meio do povo. Que a massa só aumentava, chegando a cercar a tropa, que inicialmente estava defronte à aglomeração. Que ouviu muitas provocações contra a polícia e em um dado momento, foram lançadas pedras em direção à tropa. Que sentiu que a situação iria piorar e tratou de sair do local. Que logo ouviu um tiro isolado, seguido por vários tiros, sem um grande espaço de tempo. Que o depoente se deitou no chão, e conseguiu sair do local rastejando. Que passou ao lado de um homem ferido que perdia muito sangue. Que não viu os soldados entrarem no caminhão. Que desconhece o número de mortos no local da aglomeração e na rodovia. Que seguiu para sua residência. Que não tem queixas sobre a vigilância da Usiminas e contra o destacamento local.
- **2.64 – Pg.96: Termo de inquirição de testemunha:** João Vermelho da Cruz, sargento reformado, treinador de futebol. Relata que na manhã do dia sete, viu que os operários que passavam pelo seu alojamento estavam agitados e falando alto. Que ficou então sabendo do ocorrido na noite do dia seis, que pode sentir que os operários estavam nervosos contra a polícia. Que conversou com alguns civis, pedindo-lhes que evitassem “bagunça”. Que ainda em seu alojamento, por volta das 8h, ficou sabendo do tiroteio. Que a “notícia corrente” em Ipatinga é que a polícia atirou nos operários por terem sido apedrejados e insultados.
- **2.65 – Pg. 97, Termo de inquirição de testemunha:** Augusto Pereira Braga, sub-tenente reformado, trabalha no setor de vigilância da Usiminas. Relata que recebeu ordens de conversar com os trabalhadores da seção de vigilância, homens muito simples, e instruí-los de que a vigilância não tinha caráter policial ou militar, mas meramente de tomar conta do patrimônio da empresa, sendo vedado o uso de armas. Que buscava tornar mais produtivo o trabalho, além de coibir os furtos na indústria. Que conversou com Omar Rodrigues Vieira, chefe da vigilância, opinando pela contratação de indivíduos com maior grau de escolaridade. Que em julho de 1963 foram baixadas normas que regulamentavam a entrada na usina. Que foram recrutados novos vigias para efetivar as normas. Que o depoente sempre orientou os vigias sobre como agir, reconhecendo que os operários poderiam reagir às novas regras, pedindo que tivessem paciência e ignorassem os insultos que viessem a receber. Que foram feitas várias apreensões de armas, documentos falsos e objetos de furto. Que aumentou a antipatia contra os vigilantes, gerando inclusive combates corporais. Que na noite do dia 6, um indivíduo já havia tentado várias vezes passar sem se identificar e prometera causar tumulto na saída às 22h. Que levou isso ao conhecimento do sr. Omar, que orientou que procurasse a polícia. Que a pediu auxílio a uma dupla de cavalaria que se encontrava próxima e a dupla se dispôs a

fazer a “cobertura”, que fez o mesmo pedido ao motorista do carro-patrolha, que ficassem próximos ao posto de fiscalização, o que foi feito. Que quando viu que os operários tentavam interromper o caminho, chamou a dupla de cavalarianos, para que fossem até ele, mas que, ao invés disso, contornaram o local onde estavam e espancaram dois ou três operários. Que pensou em reclamar com eles, mas teve medo de exaltar os ânimos. Que pensou que o ato poderia ter consequências mais graves. Que após o turno, parou num bar, onde tomou um café e conversou com alguns indivíduos que também estavam revoltados com o ocorrido, pedindo-lhes calma. Que os convidou a tomar a mesma condução para o bairro Santa Mônica. Que o depoente foi para a casa do “sr. Wildes”, que lá estava quando viu passando a mesma dupla de cavalaria, em direção aos alojamentos. Que meia hora depois, começou a ouvir um vozerio, que foi aumentando. Que ouviu alguns tiros e foi verificar. Que as demais pessoas que estavam na casa aconselharam que seria melhor que o declarante não fosse, sendo que o sr. Davi se dispôs a ir verificar. Que descobrindo a gravidade da situação, saíram em busca de reforços policiais. Que logo encontraram uma dupla da cavalaria, á qual pediram ajuda. Que os militares informaram que já haviam estado no bairro e bateram em alguns moradores, mas que tiveram que se retirar pelo elevado número de moradores e buscavam reforços. Que não sabe por que os policiais se comportaram dessa forma. Que procurou o capitão Robson, que já se dirigira ao Santa Mônica, para onde também retornou o declarante. Que no local, o capitão pediu que o depoente requisitasse à Usiminas três caminhões para recolher os presos ao quartel. Que o Dr. Gil e o padre tentaram negociar com os insurretos. Que soube que os detidos eram alojados, que revoltados com o espancamento sofrido pelos colegas, fizeram barricadas. Que se dirigiu ao quartel e levou vários dos operários para o ambulatório, onde foram medicados. Que pela manhã do dia sete, chegou ao posto de vigilância e que logo um dos operários começou a gritar para os operários que ninguém entrasse para trabalhar. Que percebendo o risco de a situação se agravar, deu ordem para os vigilantes se retirarem.

VOLUME 3

- **3 – Continuação do Inquérito Policial Militar.**
- **3.1 – Pg.5: Auto de corpo de delito de Milton Pereira da Silva.**
- **3.2 – Pg.6: ACD de Francisco João de Souza**
- **3.3 – Pg.7: ACD de Waldir Resende Xavier**
- **3.4 – Pg.8: Necropsia de Antônio José dos Reis.**
- **3.5 – Pg. 9: Necropsia da Alvinho Ferreira Felipe**
- **3.6 – Pg. 10: Necropsia de Sebastião Tomé da Silva**
- **3.7 – Pg. 40: Relatório:** Inicia relatando que o total de mortos fora de 8 civis e, de feridos, 79. (faltam finais das páginas)
 - **3.7.1 – Incidente com os vigilantes:** Relata o pedido de Augusto Pereira Braga, sub-chefe da vigilância da Usiminas de um reforço da PM para os vigilantes no turno noturno. No dia seis, foram mandados os soldados Orçalino Duarte e Milton Souto da Silva, da Cavalaria, juntamente com o cabo Aristeu Josefino e soldado Adão Nunes Vieira, para reforçar a vigilância na saída da Usiminas. Esse policiamento deveria se misturar com

o policiamento de trânsito. Que o responsável pelo atrito entre vigilantes e operários teria sido Odir Rodrigues. Instalada a confusão, segundo Braga, a polícia agiu com “falta de serenidade e mesmo violência”. Odir Rodrigues afirma que foi espancado pela polícia e ficou detido pela vigilância da Usiminas até as 3h da manhã.

- **3.7.2 – Acontecimentos no bairro Santa Mônica:** A dupla que atuou na Usiminas era a mesma escalada para o patrulhamento no bairro Santa Mônica, onde residiam muitos dos operários. Os soldados resolveram averiguar uma aglomeração, mas foram rechaçados pelos moradores, em número muito superior. Resolveram então pedir reforço. Com isso, os operários, se organizaram em barricadas em frente aos respectivos alojamentos, pressentindo a chegada de um efetivo maior. Vários soldados, bem como o sargento Carlos se dirigiram para o local e tentaram arremeter contra a barricada, mas foram repelidos. Dirigiram-se então, para o alojamento Chicago Bridge, momento em que o sargento Carlos foi ferido. Ressalta-se que há dúvidas quanto ao fato de que teria sido atingido por um tiro. O ferimento do sargento, somado às hostilidades com que foram recebidos, “serviram para enervar os soldados que praticaram atos de violência nos aposentos da Companhia Chicago Bridge, onde 300 operários foram detidos e tratados de maneira desumana...” Por volta da meia noite, chegaram o capitão Robson e o tenente Jurandir. Os operários detidos foram recolhidos para o quartel. O Padre Avelino foi chamado para buscar um acordo com os operários que permaneciam em barricadas. O Dr. Gil Guatimosim também interferiu no acordo, que se baseou nos seguintes termos: recolhimento da tropa ao quartel e a liberdade dos operários detidos. Recolhida a tropa e soltos os operários, a situação deveria voltar ao normal, mas com a chegada dos operários agredidos nos alojamentos, os ânimos se exaltaram novamente, sendo combinada a paralização do dia seguinte.
- **3.7.3 – Graves acontecimentos do dia 7:** Ao chegarem ao portão, os operários passaram a bloquear a obra. O Sr. Braga solicitou a presença da tropa no local, o que foi atendido pelo capitão Robson, que ordenou ao tenente Jurandir que se dirigisse à Usiminas com uma tropa formada por: Tenente Jurandir Gomes de Carvalho, Cabo José Maria Francisco, soldados José Felix Gaspar, Argentino Teodoro Tavares, Francisco Torres Dutra, Florício Fornaciari, Milton Souto da Silva, Sebastião Cândido da Silva, Sebastião Campelo de Oliveira, José Gomes Vidal, José Rodrigues, João Clementino Silva, João Medeiros, Moacir Gomes de Almeida, Odeino Gomes, Élson Valeriano, Joaquim Félix de Carvalho, Osvaldo Ferrarez de Castro e José Cirilo Borges. A tropa deveria guarnecer a obra dentro da Usiminas, mas foi impedida pela multidão de atravessar os portões. Foram desferidas várias provocações contra a tropa, por parte dos grevistas, bem como jogadas pedras. Relata-se que a primeira rajada foi disparada pela polícia, para o ar. O caminhão que transportou a tropa foi queimado no dia seguinte por populares. Um dos chefes da usina, João Claudio Teixeira de Sales informa que já havia muita agitação entre os operários provocada por líderes sindicais. O Dr. Gil Guatimosim confirmou a movimentação de elementos comunistas infiltrados no seio do operariado, bem como

agitadores. O panorama geral no dia sete era de que a massa popular contava com 3000 pessoal, e a tropa, com 19 homens armados, em uma situação de muita tensão e por um longo período de tempo. As testemunhas divergem, mas indica-se que teria havido um tiro isolado, ao qual se seguiram as rajadas de tiros, resultando em três mortos no local da aglomeração. Na retirada, o caminhão precisou ser empurrado. Com o caminhão em movimento, a tropa continuou a atirar contra pessoas a beira da rodovia, causando mais quatro mortes e vários feridos. O capitão Robson, retornando da reunião no escritório central, cruzou com o caminhão, não tendo tomado parte nos acontecimentos.

- **3.8 – Fim, do IPM; Remessa do IPM à Justiça Militar.**
- **3.9 – Pg. 64: Juntada do Laudo de Polícia Técnica.**
- **3.10 –Pg. 106: Juntada de Laudo de Polícia Técnica.**
- **3.11 – Pg. 152: Termo de audiência para inquirição de testemunhas:**
 - **3.11.1 – Gil Guatimosim Júnior:** Relata o andamento de discussões sobre melhorias salariais com os operários, tendo sido atingido um acordo na tarde do dia 6 de outubro. Que na noite do mesmo dia, foi avisado da situação do bairro Santa Mônica e para lá se dirigiu, juntamente com Davi Ferreira. Que diante da gravidade da situação, acionou o Capitão Robson, que lhe contou sobre o atrito entre Cavalarianos e os operários no portão da Usiminas. Que no local a situação encontrava-se muito tensa, com operários entrincheirados e a tropa em estado de alerta. Para tentar resolver a situação, buscaram enviar o padre Avelino e Davi para negociar com os operários entrincheirados. Que após ambos alcançarem os operários, também foi até lá, negociar com os operários. Retornaram então para perto do capitão, negociando a retirada dos soldados e libertação dos presos. Que se dirigiu ao quartel onde encontrou os operários detidos em posição humilhante, deitados no chão. Que conversou com os mesmos e providenciaram transporte para que retornassem ao alojamento, sendo alguns levados para o ambulatório. Que mesmo assim, alguns operários depredaram seu carro. Que retornou para casa e foi avisado da reunião às 7h30min, no escritório central. Que antes disso, foi acordado por um telefonema do Sr. Braga, relatando a concentração de operários no portão e perigo de invasão da obra, devido a que solicitou o apoio da polícia. Que precisou de carona para chegar ao Escritório Central, onde iniciou a reunião com os representantes do operários. Que após demorada conversa, alcançaram um acordo e se dirigiam para o local da aglomeração quando, na saída do Escritório, ouviram tiros., partidos da direção que deveriam tomar. Que ficaram muito assustados e os tiros continuavam, Que o capitão se dirigiu ao local com um jeep, enquanto o declarante permaneceu no Escritório, contabilizando a extensão da catástrofe. Que no mesmo dia chegaram à Ipatinga o Secretário de Defesa Pública e o Comandante da Polícia Militar, para os quais explanou a situação. Que durante a reunião que antecedeu os fatos violentos, pediu ao Capitão Robson e aos líderes sindicais que pedissem calma aos respectivos grupos.

- **3.11.2 – Pg. 157: Jair da Costa Abelha:** Relata que estava de plantão no ambulatório da Usiminas no dia 6 à noite, que cerca das 23h, atendeu o sargento Carlos com um ferimento no braço, no qual o projétil se alojou. Que o sargento explicou que havia se ferido em um confronto com os operários no bairro Santa Mônica. Que às 2h, o Dr. Gil solicitou que uma ambulância fosse ao quartel, atender os operários. Que cerca de 50 deles foram atendidos no ambulatório. Que no dia seguinte, cerca de 1500 operários se reuniram no portão da Usiminas, em atitude grevista. Que os operários estavam revoltados com a atitude da polícia na noite anterior e com a vigilância interna da Usiminas. Que procurou o capitão para relatar a gravidade dos fatos, tendo o capitão solicitado que o depoente fosse à Coronel Fabriciano tentar obter um reforço policial. Que havia sido deflagrada uma greve também em Acesita. Que, retornando à Ipatinga, encontrou a tropa comandada pelo Tenente Jurandir, à caminho do local da aglomeração. Que ponderou quanto ao risco de a tropa ir para o local, a que o tenente respondeu que estava seguindo ordens. O depoente acompanhou a tropa até a usina, onde foram impedidos de entrar. Que os operários mostravam os ferimentos da noite anterior e dirigiam palavras de baixo calão aos policiais. Que cerca de 20 minutos depois se dirigiu ao ambulatório. Que não presenciou agressões entre as partes. Que estava no ambulatório quando ouviu os tiros e viu o caminhão passar pelo local, com os policiais ainda atirando, que havia pouca gente por onde o caminhão passou. Que viu o bilhete do capitão Robson, recomendando ao tenente manter a calma e não suar violência.
- **3.11.2 – Pgs. 179-185: Padre Avelino:** Relata que foi despertado na madrugada do dia 7 por um soldado da polícia militar, a fim de ajudar remover as causas de atrito entre operários e polícia no bairro Santa Mônica. Que ao chegar, conversou com o capitão que lhe pediu que subisse ao local onde os operários estavam entrincheirados para tentar demovê-los. Que após se identificar, conseguiu subir a ladeira. Que ao alcançar o alojamento, a situação era de completa desordem, tendo demorado a conseguir entender o que se passava. Que os rapazes não quiseram descer para parlamentar com o capitão e o Dr. Gil, com medo de serem violentados pela polícia, mas concordaram com a subida do Dr. Gil. Que alcançaram um acordo que propunha a libertação dos operários presos e a retirada da tropa. Que os operários retornaram, muitos feridos. Que foram verificar o alojamento Chicago Bridge, que estava completamente depredado. Que conseguiu convencer os rapazes de formar uma comissão com dez membros para negociar com a chefia da Usiminas no dia seguinte. Que depois se dirigiu a sua casa, sendo que dentro de 15 minutos foi chamado para se dirigir com os operários ao portão do almoxarifado, onde já se encontrava a polícia, às margens da rodovia. Que foi conversar com o tenente Jurandir para ponderar sobre a retirada da tropa do local, até que fosse resolvida a situação. Que recebeu uma resposta negativa. Que dentro de uma hora, o tenente tentou entrar na usina, tendo chamado o depoente pra acompanhá-lo, que não lograram êxito. Que o tenente ficou insatisfeito. O depoente foi a procura do Dr. Gil, para convencê-lo de dar a ordem para a retirada da tropa do local.

Que no Escritório, onde o encontrou, havia várias pessoas. Que o clima estava tenso e reunião foi demorada. Que, convencido, o capitão mandou uma ordenança para a tropa, por meio de um bilhete. Que ao fim da reunião, decidiu-se que todos os presentes iriam ao local, dar a grata notícia aos grevistas. Que a origem da confusão foi uma discórdia entre a vigilância da Usiminas, apoiada pela polícia, e os operários. Que não havia um líder no movimento dos operários, o que dificultou até mesmo a negociação. Que o movimento “de parede” se iniciou diante do impasse com a retirada da polícia do local, pois era apenas essa a reivindicação dos trabalhadores, além da responsabilização dos responsáveis pelas violências. Quando chegou ao local, no dia seis, não viu serem cometidas violências, que já haviam ocorrido. Que a sugestão da comissão objetivava evitar que um grande volume de pessoas se dirigisse à usina. Que não viu operários armados. Que o clima era de muita tensão, tendo ao fim, operários e policiais ficado muito irritados.

VOLUME 4

- **4.1– Parte 1.**
- **4.1.1 – Pg.4: Relatório elaborado pelo Major Paulo Clementino, do Exército, sobre a situação em Ipatinga:** Relata o crescimento dos distúrbios provocados pelo operariado, com a intenção de fortalecer o CGT, que pretendia se fortalecer em Acesita, na Usiminas e em Monlevade, forçar as retiradas do Dr. Gil Guatimosin, João Cláudio e Braga, da Vigilância. Relata a vinda de membros do CGT à Minas Gerais, com o objetivo de tentar parar a fábrica de João Monlevade, em solidariedade às fábricas de São Paulo, além da tentativa de formar um “sindicato privado”, que dialogaria diretamente com a direção das usinas, sem passar pelo sindicato operário. Faz algumas sugestões para diminuir a insatisfação dos operários em Ipatinga, e por consequência, desmobilizá-los; indica como devem ser escolhidos os trabalhadores da vigilância e como devem atuar; reforça a necessidade de desvincular a Usiminas, no imaginário dos ipatinguenses, dos problemas da cidade, além de usar a técnica “messiânica”, fazendo propaganda massiva de qualquer fato que beneficie a coletividade.
- **4.1.2 – Ata da reunião do sindicato:** Mostra a aprovação, no dia 6 de outubro de 1963, de aumento salarial de 38%, contados a partir de setembro.
- **4.1.3 – Pgs.9, 10 e seguintes: Listas de empregados suspeitos de organizarem movimentos sindicais e grevistas na Usiminas, comunicações sobre movimentos ocorridos na usina e choques entre vigilância e operários.**
- **4.1.4 – Pg. 85: Termo de assentada de João Cláudio Texeira de Sales:** Confirma que no dia 7, estava no Escritório Central da Usiminas, juntamente com o Dr. Gil Guatimosin, do Padre Avelino e do Capitão Robson. Que aguardavam a condução que os levaria ao local de aglomeração dos operários quando ouviram tiros. Que não puderam precisar quais as pessoas deram tiros. Que na noite anterior houvera um desentendimento entre operários, vigilantes e policiais, na hora de saída do turno noturno. Que já no bairro Santa Mônica, os operários se organizaram em barricadas a fim de se preparar para um possível confronto com as forças policiais. Que na manhã do dia sete, pode ver uma aglomeração de cerca de 2000 soldados na porta

do almoxarifado, sendo que a tropa se encontrava de um lado da rodovia e os operários do outro. Que o padre Avelino conversava com os policiais no momento em que passou pela aglomeração. Que a origem do desentendimento na noite do dia seis teria sido a cooperação entre vigilância privada e polícia para realizar busca nos operários, devido ao aumento dos furtos na usina. Que a aglomeração no dia seguinte tinha como objetivo impedir o início dos trabalhos. Que não havia motivos para a aglomeração, pois já havia sido atingido um acordo para a questão salarial. Que soube que, quatro dias antes dos fatos, elementos de São Paulo estiveram em Ipatinga, a fim de orientar os operários para subverter a ordem. Que a reivindicação salarial não passou de um pretexto dos maus elementos insuflarem os operários. Que não sabe afirmar de que lado partiram as agressões, mas que puderam ver o caminhão que transportava os policiais se distanciando da aglomeração, sendo que alguns policiais estavam agachados e outros continuavam a atirar. Que não sabe afirmar que havia um objetivo para os tiros. Relata que alguns dos sujeitos apontados como responsáveis pela organização dos operários estão respondendo por inquéritos de subversão à ordem. Que diante do medo de represálias contra a Usiminas, foi solicitado apoio especial à Polícia. Que teriam sido encontradas várias armas nos alojamentos, mas não sabe precisar quais. Que não sabe precisar qualquer outro motivo de desavença entre operários e a polícia.

- **4.2 – Parte 2**

- **4.2.1 – Pg. 29: Declarações de Benjamim Miranda Neves.** Relata que estava no alojamento Chicago na noite do dia seis, tendo sido acordado por uma grande algazarra, sendo obrigado pela polícia a sair com as mãos na cabeça e deitar-se no chão, onde foram espancados. Depois, foram levados ao quartel, onde permaneceram até serem liberados pela interferência do Dr. Gil. Que diante da violência que sofreram, resolveram não trabalhar no dia seguinte, ficando paralisados enquanto permanecesse a ação dos Cavalarianos. Que enquanto esperavam o resultado da reunião com a direção da Usina, chegou um jeep com dois militares, que entregaram um papel ao Tenente Jurandir. Que logo começaram os tiros, sendo que os primeiros teriam sido para o ar. Que desde a chegada em Ipatinga do destacamento de Cavalaria, os operários têm sofrido todo tipo de violência
- **4.2.2 – Pg.33: Termo de Declarações de Tertuliano Ferreira Santos.** Relata que mora o alojamento da Usiminas em Santa Mônica, que não é líder dos desordeiros, nem de qualquer grupo guerrilheiro. Que sabe da existência de armas pesadas no alojamento. Que, se fosse necessário, interviria no alojamento, com o objetivo de apaziguar. Que quando o destacamento de polícia chegou à Ipatinga, conversou com vários soldados sobre o medo dos operários de que fossem apreendidas armas deles e que eles se julgam no direito de ter. Que a única solução que ele e seus colegas operários viam era realizar um movimento de parede, para paralisar a Usiminas, para que se impedisse a ação policial. Que participou da greve. Que ficou no piquete localizado no portão de entrada. Que viu um rapaz sendo transportado dentro da obra e procurou saber se ele tinha autorização do sindicato para tal, mas não obteve resposta. Que por isso, seguiu o rapaz levando-o para a delegacia do sindicato, pois teve medo de que ele causasse danos na obra. Que tal rapaz é Paulo Fernandes de Tal, que por tal situação passou a sofrer perseguições, sendo tachado de desordeiro

e comunista, quando na verdade apenas fez o operário Paulo Fernandes se apresentar ao sindicato. Que o chefe de Paulo seria o Capitão Russo de Tal. Que Paulo Fernandes é desordeiro e nunca foi tomada nenhuma medida contra ele. Que tem um arquivo que pode ser disponibilizado para provar que não é arruaceiro. Que não conhece o tocador de corneta do bairro Santa Mônica, que não possui arma de fogo.

- **4.2.3 – Pg.36: Termo de declarações de Wilde José Corrêa.** Relata que seu trabalho é gerir os alojamentos no bairro Santa Mônica. Que após o ocorrido em outubro, os operários compraram muitas armas. Que havia um indivíduo, cuja identidade desconhece, que fazia a distribuição de armas nos alojamentos. Que já viu armas de vários calibres nos alojamentos, mas não sabe indicar a quem pertence cada uma. Que informou sobre a existência de tais armas aos chefes da Usiminas. Que uma moça teria sido informada pelo namorado sobre a existência de uma metralhadora portátil nos alojamentos. Que acredita ser o líder dos desordeiros o corneteiro “Rosa de Tal”.
- **4.2.4 – Pg.39: Termo de declarações de José Martins Medeiros.** Relata que conversava com Alda Tôrres, trabalhadora da Delegacia do Sindicato sobre os riscos que os rapazes do Santa Mônica ofereciam à sociedade local. Que a moça disse que seu namorado lhe contara que seu colega de quarto tinha uma metralhadora de mão.
- **4.4.5 – Pg.40: Termo de declarações de Osvaldo Ribeiro Vaz.** Relata que foi namorado da Srta. Alda e que não se recorda de haver-lhe dito que seu companheiro de quarto tinha uma metralhadora de mão, e que tal fato não é verdade. Que divide o quarto com mais três rapazes e nenhum deles possui arma de fogo.
- **4.4.6 – Pg. 41: Termo de declarações de Heroíno Antônio Ribeiro.** Relata que na noite do dia 6, estava em seu quarto estudando quando começou a ouvir a algazarra. Que continuou estudando. Que ouviu vários insultos e tiros. Que teve notícia de que durante a madrugada houve mais disparos. Que não sabe quem realizou os disparos. Que realmente há muitos desordeiros nos alojamentos. Que viu um mosquetão no quarto de Laureano Batista de Oliveira, mas que a arma não lhe pertence. Que há um corneteiro no bairro, que não conhece nada sobre a organização de grupos guerrilheiros no bairro. Que ouviu falar de um político que foi fazer comício em Santa Mônica, mas não sabe precisar o nome.
- **4.4.7 –Pg. 45: Termo de declarações de Joaquim Sebastião Gonzaga da Costa.** Relata não estar ligado a grupos subversivos. Que há grupos de guerrilha no Santa Mônica, que não é traficante de armas, mas que há várias delas nos alojamentos.
- **4.4.8 – Pg.47: Termo de declarações de Francisco Canudo de Oliveira.** Relata que tinha a intenção de adquirir um revólver e foi indicado por um amigo a um vendedor. Que não comprou o revólver, mas que o rapaz disse possuir várias armas para vender. Que reconheceu José Augusto Bonincontro como o vendedor. Que havia tráfico de armas do bairro.
- **4.4.9 – Pg.50: Termo de declarações de José Augusto Bonincontro.** Nega ser traficante ou vendedor de armas, que possui um revólver, que foi comprado por seu primo em Juiz de Fora. Que tal primo não trabalha na Usiminas. Que nunca participou de reuniões subversivas, mas já ouviu falar de grupos do tipo. Que realmente há um corneteiro no bairro.

- **4.4.10 – Pg.63: Termo de declarações de Ari Oliveira.** Relata ter comprado uma arma, mas nunca tê-la usado. Que estima existirem cerca de 150 armas no bairro Santa Mônica. Que não há movimento de guerrilha no Santa Mônica. Que no dia 10 de outubro de 1963, teriam sido disparados tiros contra a polícia, quando houve policiamento na área. Que há um corneteiro no bairro que sempre soa um alarme quando há alguma anormalidade.
- **4.4.11 – Pg.66: Termo de declarações de Ayer Machado.** Relata que morara no alojamento dos engenheiros, tendo sido transferido para o alojamento do Santa Mônica há três meses. Que conheceu um rapaz que disse ser vendedor de meias e revólveres, que lhe mostrou oito deles. Que as armas eram recebidas de um Capitão do Exército Brasileiro, de Juiz de Fora. Que lhe ofereceram, mas não comprou uma arma. Que havia dois rapazes no alojamento do Santa Mônica que usavam barba “estilo Fidel” e que no dia sete trajavam roupas vermelhas e dirigiam os operários. Que no dia dez novamente os policiais subiram em direção ao bairro Santa Mônica, que foram hostilizados pelos operários. Que os operários se organizam conforme o toque da corneta.
- **4.4.12 – Pg. 70: Termo de Declarações de Laureano Batista Oliveira.** Relata que não é dono do mosquetão. Que no dia dez, chegou tarde no alojamento, não tendo presenciado os fatos, apenas soube que a polícia tentou fazer policiamento Bairro Santa Mônica, mas os rapazes não permitiram. Que soube que houve tiros. Que desconhece grupos de guerrilha no bairro. Que quando há o toque de corneta, os rapazes sempre saem do alojamento por curiosidade. Que não sabe de lideranças.
- **4.4.13 – Pg.71: Termo de Declarações de José Honório Perdigão.** Relata que no dia dez de outubro ouvira o toque de corneta e logo em seguida insultos proferidos pelos rapazes contra a polícia. Que desconhece grupos de guerrilha no bairro e possíveis líderes.
- **4.4.14 – Pg.74: Termo de Declarações de Diógenes Machado de Lima.** Relata que no dia 10 foi avisado por companheiros da presença de policias no bairro. Que se iniciava um tumulto e que os operários saíam dos alojamentos. Que resolveu descer e conversar com os policiais para saber suas intenções, e foi informado de que se tratava de policiamento padrão. Que ouviu tiros, mas não sabe quem os realizou. Que não sabe quem é o corneteiro, nem o líder das desordens. Que já viu várias pessoas treinando tiro no bairro. Que Geraldo de Tal seria um dos líderes responsáveis por insuflar os operários. Que desconhece guerrilhas no bairro. Que após as apreensão de armas nos alojamentos, alguns armamentos pesados foram levados para a obra da Usiminas.
- **4.4.15 – Pg. 77: Termo de Declarações de Alberto Maciel Soares.** Relata ter comprado um arma de Antônio de Tal, com fins de defesa pessoal.
- **4.4.16 – Pg. 80: Termo de Declarações de Antônio Carlos de Melo.** Relata que conhece alguns toques de corneta, mas toca por deleite, não dando toques de organização. Que não lidera grupo nenhum. Que há várias queixas contra a polícia depois do dia sete, mas nenhuma organização de subversão da ordem. Que há uma grande quantidade de armas no Santa Mônica. Que os colegas se armaram para se proteger contra novos atentados da polícia. Que alguns rapazes praticavam tiro ao alvo, mas que havia grandes protestos por parte da turma por causa disse. Que um

político de Coronel Fabriciano estivera nos alojamentos, que realizava reuniões e que queria fracionar o sindicato.

VOLUME 5

- **5.1 – Pg. 2: Termo de declarações de José Maria da Silva.** Relata ter visto a aglomeração dos operários, a cerca de 30 metros de onde estava, e a tropa posicionada a cerca de cinco metros dos operários. Que havia um caminhão e em cima dele, um policial armado com uma metralhadora e os demais, ao redor do caminhão. Que o círculo de operários foi se fechando ao redor da tropa, e várias provocações eram feitas. Que um dos operários teria disparado contra o soldado em cima do caminhão e, a seguir, seguiram-se os disparos da tropa. Que o caminhão ainda estava parado nesse momento, mas que logo foi empurrado e começou a mover-se. Que não viu se a tropa atirou após o caminhão começar a andar, mas que os operários teriam atirado. Que um operário desconhecido teria dito ser responsável por atirar em uma mulher e uma criança. Que a massa de operários chegou a impedir o trânsito. Que foram vendidas flâmulas com desenhos ofensivos aos policiais. Que a tropa teria mantido a calma e a urbanidade. Que após os tiros saiu do local.
- **5.2 – Pg.8: termo de declarações de Pedro Alcântara Gino.** Relata que na data dos acontecimentos, conversava com o tenente Jurandir, enquanto os operários se juntavam do outro lado da rodovia, já se aproximando da tropa. Que os operários subiram em um caminhão carregando de pedras e começaram a atirá-las na tropa. Que tentou bater ponto, mas foi impedido. Que os operários teriam queimado guaritas da Usiminas, tendo ele se abrigado na guarita da garagem, de onde teria visto um tiro partir da multidão. Que foram usadas bombas de gás lacrimogêneo, que então os operários recuaram. Que logo houve mais pedradas e o caminhão começou a ser empurrado para a retirada da tropa. Que o declarante teve que sair pelos fundos da usina, pois a frente encontrava-se depredada e incendiada. Que presenciou a chegada do jeep com o cabo Teodoro. Que julga ter havido uma organização prévia dos operários para hostilizar os policiais, e que o tiro seria o sinal para cercar a tropa. Que por conta dos inquéritos instaurados após a “revolução de 31 de março”, que havia uma organização para subversão. Que por ter sido o único motorista da Usiminas que ainda aceitava transportar a polícia, pode ver várias apreensões de matérias subversivos serem feitas no Santa Mônica.
- **5.3 – Pg.20: Termo de declarações de Teotônio Saraiva.** Relata que no dia dos acontecimentos foi impedido de trabalhar e bater ponto. Que a intenção da massa era penetrar no porto 57 e incendiar a usina e o posto policial que a protegia. Que eram balançadas várias flâmulas vermelhas e amarelas, com os escritos “tá tinindo”. Que se escondeu atrás de uma guarita, mas pode ver o caminhão da tropa cercado. Que o depoente teria retirado bombas do Companhia Monage, que antes, a coqueria de tal empresa tinha sido incendiada. Que haviam elementos de São Paulo em Ipatinga, que organizavam greves e insuflavam movimentos subversivos. Que teria ouvido dizer que os operários eram responsáveis pelo tiro que vitimou uma criança, que em desespero pela causa fizeram isso. Que já havia, antes dos acontecimentos, um plano para liquidar os policiais e tomar-lhes as armas. Que os operários incendiaram a cadeia no dia sete. Que nos dias que antecederam o ocorrido,

elementos provenientes de São Paulo atuaram intensamente em Ipatinga, trabalhando com a massa operária para deflagrar a greve. Que o Dr. José Raimundo, diretor de relações institucionais da Usiminas era o responsável por proteger os elementos subversivos e sempre conversava com os operários. Que foi posto lá por João Goulart. Que se tivesse sido disparada a metralhadora da polícia, teria morrido 200, não seis pessoas, por isso não acredita ter sido a tropa a responsável pelas mortes.

- **5.4 – Pg.29: Termo de declarações de Saulo da Cunha.** Relata que era vigilante da Usiminas e viu disparos serem feitos tanto pelo militares quanto pelos operários, tendo os últimos começado. Que havia atritos entre os próprios empregados da Usiminas, pois alguns não aderiam às greves. Que os grevistas criaram um barreira, impedindo os trabalhadores de entrarem para bater ponto. Que depois que o caminhão com a tropa se retirou, uma parte da massa teria corrido em direção ao ambulatório, onde incendiaram guaritas teriam atingido uma criança. Que além da insatisfação salarial, os operários estavam infelizes com as determinações de segurança. Que presenciou várias ofensas aos policiais. Que depois do dia sete, foram apreendidas muitas armas e munição pesada nos alojamentos do Santa Mônica.
- **5.5 – Pg.48: Termo de declarações de Omar Rodrigues Vieira.** Relata que estava na Fazenda da Usiminas quando os fatos ocorreram, que tinha ido avisar um dos diretores sobre o movimento grevista que se formava na porta da empresa. Que depois de avisar o Dr. Gil sobre o acontecimento, o depoente tentou entrar na usina, mas foi impedido. Tentou então entrar pelo Horto, mas cruzou com uns rapazes que o ameaçaram e lhe jogaram pedras, de forma que deu a volta, indo em direção à referida Fazenda. Que encontrou o capitão Robson que o chamou para participar da reunião que ocorreria no escritório central, mas o depoente recusou. Que tentou novamente se aproximar da entrada do Almoxarifado e pode observar que a multidão aumentara. Que tentaram conseguir reforços em Coronel Fabriciano. Que foi ao aeroporto, tentar conseguir um voo para Acesita, mas teria sido impedido de passar por homens armados. Que encostou para descansar e logo ouviu barulhos de tiro. Que em alguns instantes chegou o caminhão com a tropa e o Jeep do Capitão Robson. Que a fazenda teria sido rodeada, e que haviam várias informações desconhecidas sobre a quantidade de mortos. Que foi para casa e foi avisado de que não deveria de lá sair, ou seria morto. Que anteriormente já havia impedido muitos incêndios na usina. Que os operários tinham muitas armas e já haviam ocorrido várias apreensões. Que Sinval Bambirra estaria no almoxarifado no dia sete. Que os líderes do movimento seriam: Tertuliano José Ferreira, Esperidião, Gabriel José Ferreira, Paulo Fernandes, Braga, Alfredo Dias Sobrinho, organizados pelo diretor José Raimundo Soares da Silva. Que havia um movimento organizado para tomar a Usiminas.
- **5.6 – Pg.64: Termo de declarações de Itamar Pires Alves.** Relata ter visto os operários montarem as barricadas no dia seis e que no dia sete foi impedido de “bater cartão”. Que os operários teriam ameaçado linchar os militares. Que o tenente Jurandir tentou entrar na obra, mas foi impedido. Que o padre Avelino tentou convencer os operários de permitir a entrada da tropa, mas não conseguiu.

Que explodiram bombas de gás, o que levou o declarante a se afastar e esconder-se, que ouviu barulhos de tiros. Que não viu ninguém disparar no dia sete.

- **5.7 – Pg. 69: Termo de declarações de Djalma Viana de Souza.** Relata que viu civis atirarem nos militares, mas não o contrário, mas que foram lançadas bombas de “mal cheiro”. Que o tenente teria tentado convencer os operários a irem embora. Que a estrada foi interditada, obrigando todos os trabalhadores que chegavam a juntar-se à greve. Que viu cerca de sete operários circundando o caminhão da tropa, tentando toma-lo de assalto. Que após serem apreendidas as armas, os operários compraram novas
- **5.8 – Pg.86: Termo de declarações de José Francisco de Oliveira.** Relata que estava no Escritório Central quando ocorreu o fato narrado na denúncia. Que fora instruído a ficar no quartel. Que acabou indo procurar um alto-falante, para tentar comunicar-se com os operários, que foi busca-lo com o padre Avelino. Que se dirigiu para a casa paroquial, sendo que a aglomeração ficava no meio do caminho, onde foi recebido com vaias. Que foi avisado que o padre estava no Escritório Central. Que ao retornar, já não era possível passar de carro pela rodovia. Que parou para conversar com o tenente Jurandir, que lhe pediu que avisasse ao capitão Robson que a situação era insustentável, o que o depoente fez. Que após falar com o capitão, foram enviadas instruções ao tenente, por meio de um bilhete. Que logo acabou a reunião e dirigiam-se ao local da greve para informar do acordo alcançado. Que ouviram tiros, tendo cruzado com o caminhão de trazia a tropa, no sentido contrário ao da aglomeração. Que quando estive na aglomeração não notou operários com armas. Que em Coronel Fabriciano “reinava uma verdadeira República Sindicalista”, com lideranças subversivas. Que havia grande resistência contra a PM. Que em uma reunião do Sindicato teria sido realizado um plano militarizado de terrorismo, isolando Coronel Fabriciano.
- **5.9 – Pg.106: Auto de Interrogatório de Jurandir Gomes Carvalho.** Relata que no dia sete estava cumprindo ordens do Capitão Robson, a pedido da direção da Usiminas para proteger o patrimônio da empresa. Que tentou entrar na obra para melhor fazê-lo, mas foi impedido pela massa, que protestavam contra a presença da polícia no local. Que a tropa parou em linha, na frente do caminhão, a uma distância de 50 metros dos operários. Que como aumentasse cada vez mais a massa, pediu reforços. Que com a chegada do padre, aventou a possibilidade de convencer os líderes do movimento de adentrar na área da usina, mas foram novamente impedidos pela massa. Que mudou a posição da tropa para proteger o caminhão. Que fez vários pedidos aos operários para que fossem embora e explicando que estava seguindo ordens. Que a situação foi ficando cada vez mais tensa, sendo necessário pedir novo reforço e um fuzil, o que foi feito. Que logo chegou a mensagem do capitão Robson. Que daí a alguns minutos começou um ataque maior de pedradas e foram ouvidos alguns tiros partidos da massa, que se deslocava para mais perto da tropa. Que foram lançadas bombas de efeito moral. Que não sabe qual soldado atirou primeiro, mas que ele também atirou, para o alto. Que não deu ordem de atirar, mas acredita que os demais soldados atiraram para o alto também. Que passado o tiroteio, ordenou que a tropa se retirasse. Que após ser empurrado, o caminhão pegou e dirigiu-se para o quartel. Que ainda haveria alguns operários atirando contra o caminhão. Que a caminho do quartel, cruzaram com o jeep do

capitão Robson. Que logo chegaram ao quartel, e informou sobre o ocorrido ao capitão. Que o caminhão não foi examinado pela perícia, pois fora incendiado. Que a tropa era insuficiente, bem como o armamento, para conter a massa. Que na semana que antecedeu os fatos, foram realizadas reuniões com o sindicato e que foram observados vários elementos extremistas e estranhos ao corpo operário da Usiminas nas reuniões, que eram seguidas orientações de líderes comunistas.

- **5.10 – Pg. 211: Ata da sessão de julgamento**
- **5.11 – Pg. 214: Sentença:**
 - **Absolvidos os réus dos crimes de lesão corporal grave e homicídio qualificado, por terem atuado em estrito cumprimento do dever legal. .**
 - **Absolvidos os réus do delito de insubordinação, por não ter sido caracterizado.**
- **5.12 – Pg. 226: Apelação do Ministério Público.**
- **5.13 – Pg.230: Contrarrazões de apelação.**

VOLUME 6

- **6.1 – Pg. 2: Julgamento da apelação: Reforma parcial da sentença, condenando os réus pelos crimes dos artigos 181, §3º e 182, §5º, CPM.**
- **6.2 – Pg.53: Embargos infringentes, opostos pelos defensores dos réus.**
- **6.3 – Pg.78: Julgamento dos embargos, que foram providos, reestabelecendo a sentença absolutória.**